

# BOLETIM DE DIVULGAÇÃO

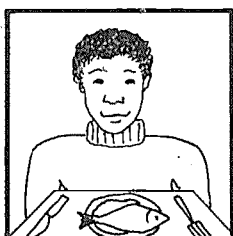
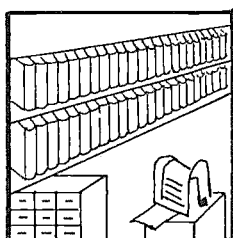
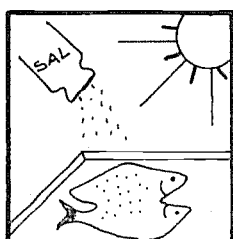
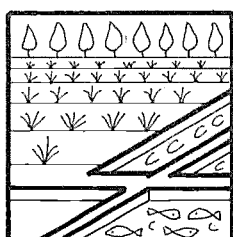
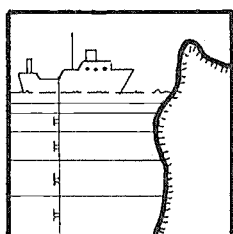
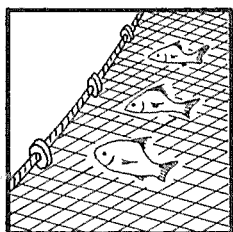
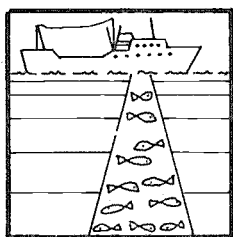
Nº31

MOÇAMBIQUE

PESCA EXPERIMENTAL DE CORRICO  
NA ZONA SUL DA COSTA DE MOÇAMBIQUE

por

José D. L. Moreira Rafo  
(Técnico de Pesca - FAO)

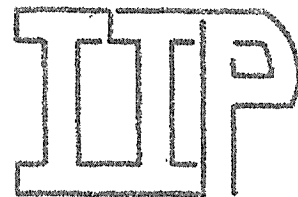


Instituto de Investigação Pesqueira  
MAPUTO

O Boletim de divulgação é uma publicação do Instituto de Investigação Pesqueira que tem por objectivo levar ao sector pesqueiro informação que lhe pode ser util. Assim, neste boletim não se publicam apenas resultados dos trabalhos feitos no Instituto; publicam-se também trabalhos feitos nas empresas ou noutros organismo do sector pesqueiro. O boletim também divulga artigos baseados em informação contida na literatura técnica especializada recebida pelo Departamento de Documentação e Informação.

Cópias adicionais desta e outras publicações do Instituto de Investigação Pesqueira deverão ser pedidos a:

Departamento de Documentação e Informação  
Instituto de Investigação Pesqueira  
Caixa Postal 4603  
Avda. Mao Tse Tung 387  
Maputo - Moçambique  
Telefone: 74 21 12  
Telex: 6497 Peixe mo



Boletim de Divulgação

Nº 31

PESCA EXPERIMENTAL DE CORRICO  
NA ZONA SUL DA COSTA DE MOÇAMBIQUE

por

José D.L. Moreira Rato  
(Técnico de Pesca - FAO)

Abril, 1990



## INDICE

1.	INTRODUÇÃO	1
2.	BREVE RESUMO HISTÓRICO	1
3.	PRINCIPAIS OBJECTIVOS DO PROGRAMA	2
4.	A ÁREA DE ACTIVIDADE	3
4.1.	Descrição da costa e dos fundos	4
4.2.	Meteorologia	5
4.2.1	Pressão atmosférica	6
4.2.2	Ciclones	6
4.2.3	Ventos	7
4.2.4	Nebulosidade	8
4.2.5	Precipitação	8
4.2.6	Visibilidade e nevoeiro	8
4.2.7	Temperatura do ar	8
4.2.8	Humidade	9
4.3.	Temperatura de superfície da água do mar	9
4.4.	Salinidade de superfície da água do mar	12
5.	EMBARCAÇÕES	14
5.1.	Embarcações utilizadas no programa	14
5.1.1.	Chai III	14
5.1.2.	Embarcação tipo "Mölnlycke"	16
5.1.3.	Embarcação tipo "Invader"	17
6.	TRIPULAÇÃO	18
7.	AS ARTES DE PESCA UTILIZADAS	19
7.1.	Varas e carretos	19
7.2.	Linhas de corrico	21
7.3.	As amostras	23
7.3.1.	Amostras tipo "Rapala"	23

(II)

7.3.2. Amostras Golden-Bait tipo "Octopus"	25
7.3.3. Amostras Golden-Bait tipo "Feather-Jig"	27
7.3.4. Amostras Golden-Bait tipo "Squid"	27
7.3.5. Amostras Golden-Bait tipo "Bonito Nylon Jig"	27
7.4. Outro material utilizado	28
7.4.1. Alicates de montagem	28
7.4.2. Estabilizadores	28
7.4.3. Bicheiro	30
7.4.4. Tira-teimas	30
7.4.5. Luvas	30
8. A ACTIVIDADE E OS RESULTADOS DO PROGRAMA DE PESCA EXPERIMENTAL DE CORRICO	30
8.1. Sub-áreas de actividade	30
8.2. Dias de actividade	31
8.2.1. Capturas totais e rendimentos por dias efectivos de pesca	31
8.2.2. Rendimentos por tempo de actividade	32
8.2.3. Rendimentos por tempo de actividade/ número de linhas utilizadas	33
8.2.4. Exemplares capturados. Dados gerais	34
8.3. Dados de interligação capturas/amostras/côres	35
8.3.1. Interligação entre capturas e amostras utilizadas	35
8.3.2. Interligação entre capturas e as côres das amostras utilizadas	37
8.4. Os períodos de actividade diária	38
8.5. Interligação entre capturas e sondas	39
8.5.1. Capturas e sondas em termos globais	39
8.5.2. Interligação entre capturas, tipo de amostra e sondas	40
8.6. Interligação nebulosidade/capturas	40
8.6.1. Rendimentos por faixas de nebulosidade	40
8.6.2. Interligação entre capturas, tipo de amostra e nebulosidade	41
8.6.3. Interligação entre capturas, cor das amostras e nebulosidade	41

(III)

8.7.	O vento e as capturas	42
8.8.	As temperaturas de superfície e as capturas	43
8.9.	A transparência da água e as capturas	43
8.9.1.	Interligação entre a transparência da água e os rendimentos de captura	43
8.9.2.	Interligação entre rendimentos de captura, transparência da água e cõr das amostras	44
8.10.	Interligação entre rendimentos e as fases da lua	45
8.11.	Interligação entre rendimentos e velocidade de corríco	45
8.12.	Interligação entre rendimentos e distância das amostras	46
9.	AS ESPECIES CAPTURADAS DURANTE AS ACTIVIDADES DE PESCA EXPERIMENTAL DE CORRICO	46
9.1.	Família <u>Belonidae</u>	47
9.1.1.	Agulha - <u>T. crocodilus crocodilus</u>	47
9.2.	Família <u>Serranidae</u>	47
9.2.1.	Garoupa real - <u>E. flavocaeruleus</u>	47
9.2.2.	Garoupa - <u>P. punctatus</u>	47
9.2.3.	Garoupa vermelho - <u>V. louti</u>	47
9.3.	Família <u>Carangidae</u>	48
9.3.1.	- Xareus	48
a)	- Xareu amarelo - <u>C. fulvoguttatus</u>	48
b)	- Xareu - <u>C. ferdau</u>	48
c)	- Xareu - <u>C. gymnotethus</u>	48
d)	- Xareu - Macôa - <u>C. ignobilis</u>	48
e)	- Xareu azul - <u>C. melampygus</u>	49
f)	- Xareu bronzeado - <u>C. papuensis</u>	49
g)	- Xareu - <u>C. sem</u>	50
9.3.2.	Carapaus	51
a)	- Carapau - <u>D. russeli</u>	51
9.3.3.	Salmão - <u>E. bipinnulata</u>	51
9.3.4.	Palmeta - <u>S. commersonianus</u>	52

(IV)

9.4.	Família <u>Coryphaenidae</u>	53
9.4.1.	Dourado - <u>C. hippurus</u>	53
9.5.	Família <u>Lutjanidae</u>	53
9.5.1.	Pargo verde - <u>A. virescens</u>	53
9.5.2.	Vermelhões	55
a)	Red-snapper - <u>L. bohar</u>	55
b)	Vermelhão - <u>L. malabaricus</u>	55
c)	Vermelhão - <u>L. sanguineus</u>	55
9.6.	Família <u>Lethrinidae</u>	55
9.6.1.	Pargo ladrão - <u>L. nebulosus</u>	55
9.7.	Família <u>Sphyraenidae</u>	56
9.7.1.	Barracuda - <u>S. barracuda</u>	56
9.8.	Família <u>Scombridae</u>	57
9.8.1.	Wahoo - <u>A. solandri</u>	57
9.8.2.	Judeu - <u>A. thazard</u>	57
9.8.3.	Merma - <u>E. affinis</u>	57
9.8.4.	Gaiado - <u>K. pelamis</u>	59
9.8.5.	Sarrajão - <u>S. orientalis</u>	60
9.8.6.	Serras	60
a)	Serra - <u>S. commerson</u>	60
b)	Serra pintado - <u>S. plurilineatus</u>	64
9.8.7.	Yellowfin - <u>T. albacares</u>	64
9.9.	Espécie não identificada	66
10.	ANÁLISE DOS RESULTADOS	66
10.1.	Áreas de pesca	66
10.2.	As épocas de pesca	67
10.3.	Os tipos de amostra	68
10.4.	As cores utilizadas	68
10.5.	Os períodos de actividade diária	68
10.6.	As sondas	68
10.7.	A nebulosidade	69
10.8.	Ventos	69
10.9.	Temperaturas de superfície	69
10.10	Transparência das águas	69
10.11	Fases da lua	69



11.	A EMBARCAÇÃO IDEAL	69
12.	EQUIPAMENTO DE PESCA	70
13.	TIPO DE ACTIVIDADE	70
14.	CONCLUSÕES	71
15.	RECOMENDAÇÕES	71
	BIBLIOGRAFIA	73



## 1. INTRODUÇÃO

Com base na comprovada existência de recursos de grandes peixes pelágicos na costa sul de Moçambique, projectou-se um programa de pesca experimental de corrico, tendo como principal objectivo, estudar a possibilidade de captura dos referidos recursos através da introdução daquela técnica em embarcações artesanais - Projecto FAO/TCP/MOZ/5653.

Embora com bastantes problemas de ordem operacional, o programa realizado durante o ano de 1987, proporcionou a recolha de dados e informações, as quais e em conjunto com outras anteriormente recolhidas, permitiram a elaboração do presente trabalho, o qual poderá vir a servir numa primeira fase, como indicador para uma possível implementação desta técnica de pesca no sector artesanal moçambicano.

Com a divulgação deste trabalho, esperamos vir a dar mais um contributo, para o desenvolvimento da pesca de grandes pelágicos em águas de Moçambique.

## 2. BREVE RESUMA HISTÓRICO

É um dado adquirido, a particular importância que representa para a pesca artesanal ao longo de toda a costa moçambicana, a captura não só de peixe serra (Scomberomorus commerson L.), como também de outros grandes pelágicos, nomeadamente, os xareus (Carangidae spp), barracudas (Sphyaenidae spp) e tunídeos diversos (Scombrids spp).

Utilizando os mais diversos processos de pesca, entre os quais se podem destacar, a linha de deriva, o corrico improvisado, linha de fundo e também diferentes artes de rede, os pescadores artesanais moçambicanos, capturam ao longo do ano, largas toneladas daquelas espécies.

Quando em 1985, participámos em Colombo - Sri Lanka, no "Expert Consultation on the stock assessment of the tunas in the Indian Ocean - IPTP" apercebemos-nos através das comunicações apresentadas por delegações de alguns países da região, a particular importância que para os sectores pesqueiros desses mesmos países, representava a pesca de grandes pelágicos, através do sector artesanal, utilizando em muitos casos, artes de corrico.

Entre essas comunicações destacamos:

- Índia: A produção anual de tunídeos e similares, atingiu as 56000t, das quais 33 mil são de peixe serra e as restantes de merma, gaiado e judeu.

A principal arte de captura foi o corrico.

- Indonésia: A produção anual de tunídeos e similares, atingiu as 25856t, representando 17.8% de produção total do país.

O corrico foi uma das mais importantes artes aplicadas, com rendimentos que variaram entre 63,5 e 376 kg/d.

- Maldivas: As capturas de atum e similares, atingiram 90% da produção pesqueira do país, constituindo a sua principal actividade económica, empregando cerca de 40% da população.

Entre 1970 e 1983 a produção anual de atum e similares, variou entre as 20 e 33 mil toneladas, atingindo as 44 mil toneladas em 1984.

Utilizando embarcações artesanais, as principais artes foram a vara e isca viva e o corrico.

- Sri Lanka: A captura total de atum e similares, variou entre 21990t em 1979 e 32370t em 1983, com um pico de 34115t em 1982. Mais de 95% da produção, provém de pequenas embarcações artesanais, tendo a arte de corrico contribuído com 17% do valor das capturas.

Assim e perante estes números, pensámos que seria altura de lançar a proposta para a realização de um programa de pesca experimental de corrico, na zona sul de Moçambique, visando a captura de grandes pelágicos costeiros e sua posterior aplicação à frota artesanal.

Nasceu assim o Projecto FAO/TCP/MOZ/5653 (A) - Fishery Development (Tuna and Pelagic Species).

### 3. PRINCIPAIS OBJECTIVOS DO PROGRAMA

As principais finalidades estabelecidas para o programa de pesca experimental de corrico, englobado no Projecto TCP/MOZ/5653 (A), foram não só determinar a viabilidade de aplicação desta arte de pesca na captura de tunídeos e outros grandes pelágicos, na zona sul da costa de Moçambique, como transmiti-la aos pescadores envolvidos na realização do mesmo.

Por razões de atraso no aprontamento e na operacionalidade da embarcação escolhida para participar no programa, não foi possível realizar com a regularidade prevista a operação que se pretendia levar a cabo, - 1 a 2 saídas mensais por periodos de 3 a 5 dias no mar, ao longo de um ano de actividade.

De qualquer maneira, o programa foi realizado e os objectivos propostos foram alcançados; recolheram-se dados e informações suficientes para se avaliarem as possibilidades de introdução desta técnica de pesca no sector artesanal e o pessoal participante no programa, ficou preparado para utilizar a arte proposta e transmiti-la a outros pescadores.

#### 4. A ÁREA DE ACTIVIDADE

Inicialmente, foi proposta a área entre o Arquipélago do Bazaruto ( $21^{\circ}20'S$ ) e a Ponta do Ouro - fronteira sul da costa de Moçambique, para a realização das operações da pesca experimental a realizar.

Por razões de ordem operacional da embarcação escolhida para participar no programa e de ordem logística no porto de Inhambane, a área de actuação abrangida foi reduzida.

Assim, a área de operação coberta, estendeu-se desde a Barra Falsa ( $22^{\circ}50'S$ ) à Ponta do Ouro, abrangendo as costas das províncias de Inhambane, Gaza e Maputo.

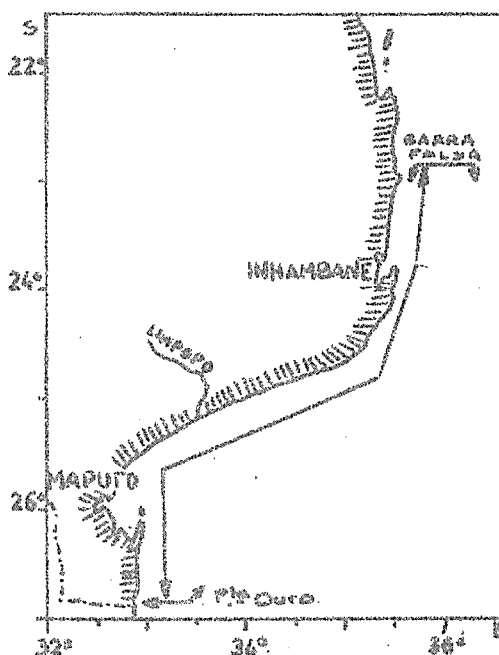


Fig. 1 - Área de actuação do programa de pesca experimental de corrico.

#### 4.1. DESCRIÇÃO DA COSTA E DOS FUNDOS

Da Barra Falsa (22°50'S) ao Cabo das Correntes (24°06'S) a plataforma continental é estreita e semeada de coral. Nesta zona, a cerca de 10'.5 milhas ao sul da Barra Falsa situa-se o Baixo Sílvia, com uma profundidade mínima da ordem dos 5 metros e a uma distância da costa de 3'.5 milhas. A orla marítima é geralmente arenosa e sem mangal, com algumas zonas de rocha, nas áreas da Barra Falsa, Ponta da Barra, Ponta do Tofo, Ponta Gumula, Ponta Inharregulo e Cabo das Correntes.

Do Cabo das Correntes à latitude de Maputo, a plataforma continental alarga-se consideravelmente; o fundo é arenoso e depois lodoso, ponteadado por muitas zonas de pedra e coral, transformando-se numa mistura de lodo e areia, conforme a profundidade vai aumentando. Nesta zona, a orla costeira é arenosa e esparcelada e podem assinalar-se algumas zonas rochosas no Ilheu, Ponta Dungalungo para sul até quase à Ponta Závora e Ponta Pabgini para sul. Nesta zona, situam-se vários baixos, sendo os mais proeminentes os da Boa Paz, entre 7 e 12'.5 milhas a norte do farol de Boa Paz, com uma profundidade mínima da ordem dos 1.7 metros e a uma distância da terra de cerca de 0'8 milhas, os de Inhampura, entre 3'5 e 13' milhas a norte da Foz do Rio Limpopo, com uma profundidade mínima da ordem dos 1.5 metros e a uma distância da terra de cerca de 1' milha; mais para sul e a sul da Foz do Rio Limpopo, encontram-se diversos pequenos baixos, sendo o mais importante o Baixo da Lagoa, a cerca de 4' milhas da terra com uma profundidade mínima da ordem dos 4.7 metros.

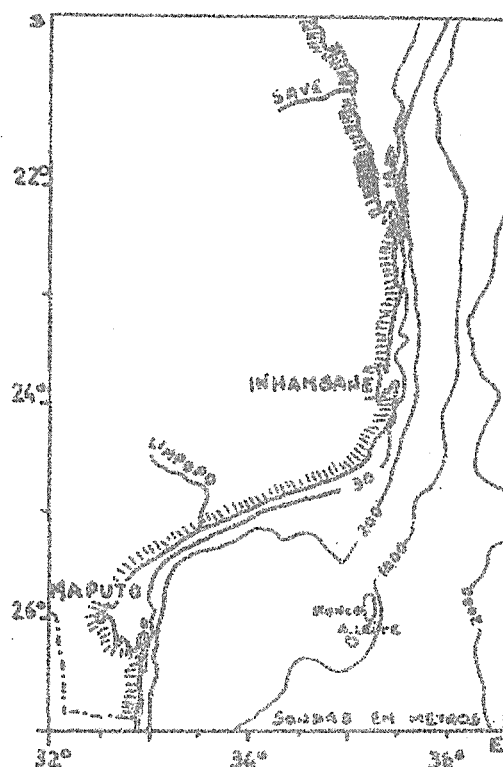


Fig.2. - Batimetria da costa sul de Moçambique.

Para sul de Maputo, a plataforma continental torna-se muito estreita, com fundos arenosos, ponteados de rocha e coral; a costa é arenosa, com dunas e ponteadas com extensas zonas rochosas; nesta zona, podem assinalar-se os Baixos Danae, a 5 milhas a nordeste do Cabo Inhaca e com uma profundidade mínima de 3.3 metros, Sta. Maria a cerca de 2'5 milhas a leste do Cabo com o mesmo nome e com uma profundidade mínima de 17.8 metros e de S. João a cerca de 2.5 milhas da Ponta Tane, com uma profundidade mínima de 9,8 metros.

#### 4.2. METEOROLOGIA

Moçambique, possui em todo o seu território um clima do tipo tropical. O clima litoral é influenciado pela acção da corrente quente do canal de Moçambique e pelo fraco relevo existente. Zonas de baixas pressões equatoriais, anti-ciclones tropicais, depressões continentais de origem térmica e frentes polares, condicionam em geral o clima do País; as frentes polares originam períodos bastantes frios no sul.

A zona sul de Moçambique, caracteriza-se por um clima tropical seco.

#### 4.2.1. PRESSÃO ATMOSFÉRICA

A leitura da fig. 3, fornece uma ideia das médias da pressão atmosférica, na região sul da costa moçambicana.

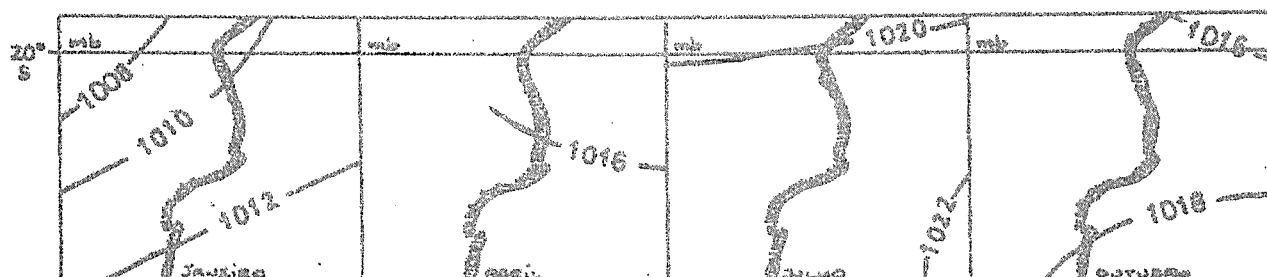


Fig. 3 - Posições aproximadas das pressões atmosféricas médias, na região sul da costa de Moçambique.

Na região sul de Moçambique, baixas pouco cavadas, ao deslocarem-se para norte, penetram por vezes no anti-ciclone subtropical, provocando variações no vento e nas condições gerais do tempo.

Há que tomar em consideração, que uma brusca queda da pressão atmosférica, pode por vezes significar a aproximação de uma depressão tropical.

#### 4.2.2. CICLONES

Embora raramente atinjam a costa, depressões tropicais podem ocorrer no canal de Moçambique, entre os meses de Novembro a Abril.

As depressões tropicais provêm do Oceano Índico em direcção à Ilha de Madagascar e ao atingirem o Canal de Moçambique, flectem para sul ou sueste; algumas movem-se entre a Ilha de Madagascar e a costa Africana, antes de atingirem a zona sul do Canal.



Raramente afectada pelas depressões tropicais, provenientes do norte, a zona sul da costa de Moçambique está porém sujeita à acção de frequentes temporais do quadrante sul.

#### 4.2.3. VENTOS

Na zona sul da costa de Moçambique, são os alíseos de SE que predominam ao longo de todo o ano, embora sejam frequentes os ventos do quadrante de NE durante alguns períodos do ano.

Pela leitura do fig. 4 pode ficar-se com uma ideia de qual a direcção e força média dos ventos dominantes em quatro períodos distintos do ano.

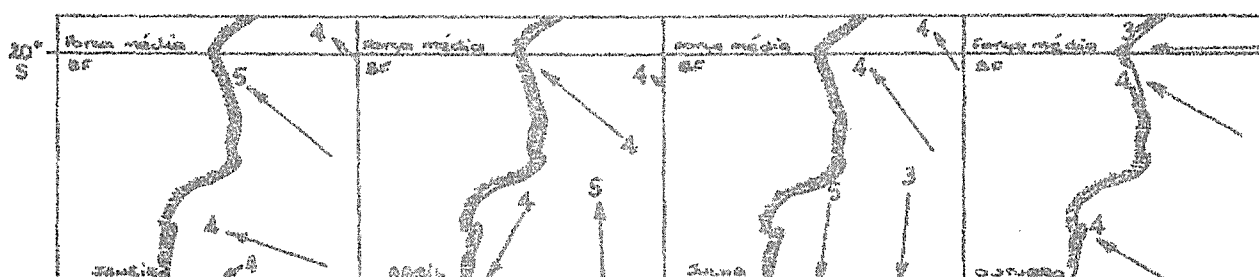


Fig. 4 - Ventos dominantes na costa do Sul de Moçambique.

A média da força dos ventos, vai de fraco a moderado, ainda que por vezes possam atingir a força 8 da escala de Beaufort - muito forte (34/40 nós). Junto à costa, o vento tende a soprar paralelamente à mesma.

As brisas terrestres e marítimas, sopram regularmente e a sua variação junto à costa, depende geralmente da topografia.

A brisa marítima surge geralmente a meio da manhã, aumentando de intensidade para a tarde, enquanto a brisa terrestre sopra geralmente durante a noite.

#### 4.2.4. NEBULOSIDADE

Constata-se um significativo aumento de nebulosidade do Inverno para o Verão.

Quando sopram presistentemente ventos em direcção à terra, dá-se a formação de nuvens junto à orla costeira.

A nebulosidade média na zona sul da costa de Moçambique, situa-se entre 2/8 e 4/8 - Abril a Setembro e 4/8 e 6/8 - Outubro a Março.

#### 4.2.5. PRECIPITAÇÃO

Existem duas estações demarcadas - estação das chuvas entre Novembro e Abril e a estação seca entre Junho e Setembro.

A média mensal de precipitação na zona sul da costa, varia sensivelmente entre os 12 e os 130 mm.

#### 4.2.6. VISIBILIDADE E NEVOEIRO

A zona sul da costa de Moçambique, é raramente afectada por nevoeiros. No Inverno e durante a noite, formam-se por vezes e com predominância na zona de estuários, bancos de nevoeiro, os quais se dissipam com o nascer do sol.

O número total anual de dias com nevoeiro, não ultrapassa geralmente os 15 e os mesmos ocorrem geralmente entre os meses de Maio e Outubro.

Durante os períodos de aguaceiros fortes, a visibilidade é muito reduzida - menos de 0',5 milha, tornando por vezes difícil, o acesso a barras e zonas costeiras.

#### 4.2.7. TEMPERATURA DO AR

Na região sul de Moçambique, o Verão é geralmente quente e o Inverno moderado.

A temperatura média diária máxima, varia entre os 25°C e 30°C e a mínima entre os 14°C e os 22°C.

#### 4.2.8. HUMIDADE

Os valores máximos de humidade, ocorrem geralmente ao amanhecer e ao pôr do sol e os mínimos ao meio da tarde.

O valor médio varia entre 67% e 77% durante a parte da manhã e entre 59% e 68% na parte da tarde.

As brisas marítimas, que ocorrem entre o meio da manhã e o fim da tarde, condicionam os valores da humidade.

#### 4.3. TEMPERATURA DE SUPERFÍCIE DA ÁGUA DO MAR

Pela leitura da fig. 5, pode ficar-se com uma ideia dos valores médios da temperatura de superfície da água do mar, na zona sul da costa de Moçambique, durante quatro fases distintas do ano.

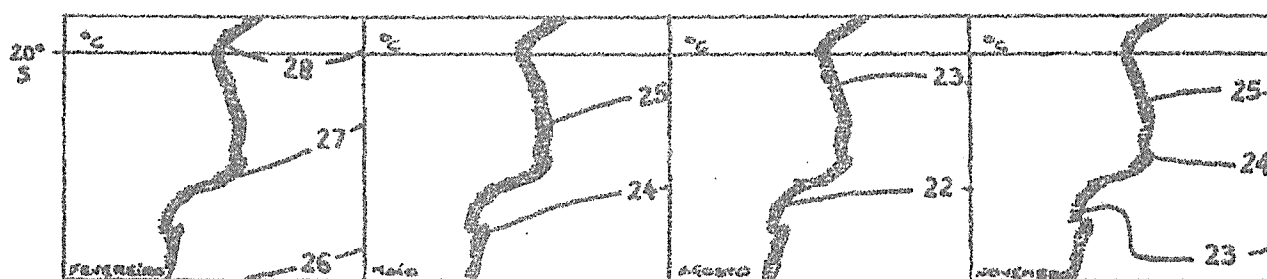


Fig. 5-Valores médios de temperatura de superfície da água do mar.

As figuras 6A a 6D, mostram cartas de temperaturas de superfície da água do mar, provenientes dos cruzeiros realizados pelo navio de investigação "DR FRIDJOF NÅNSEN", durante quatro fases distintas do ano.

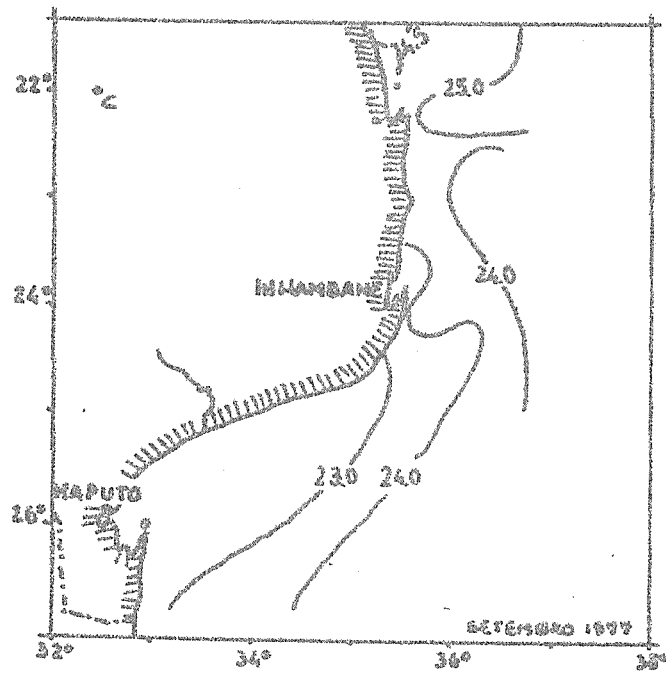


Fig. 6A - Carta de temperatura de superfície em Setembro de 1977

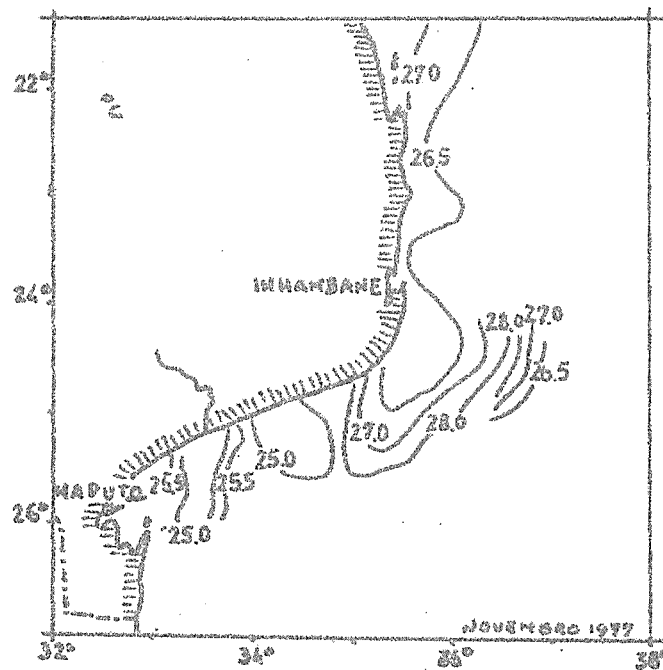


Fig. 6B - Carta de temperatura de superfície em Novembro de 1977

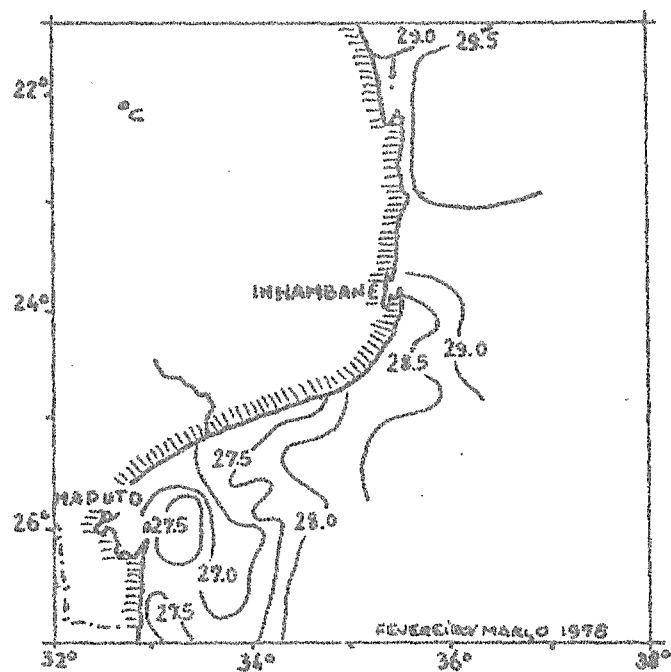


Fig. 6C - Carta de temperatura de superfície em Fev/Março de 1978

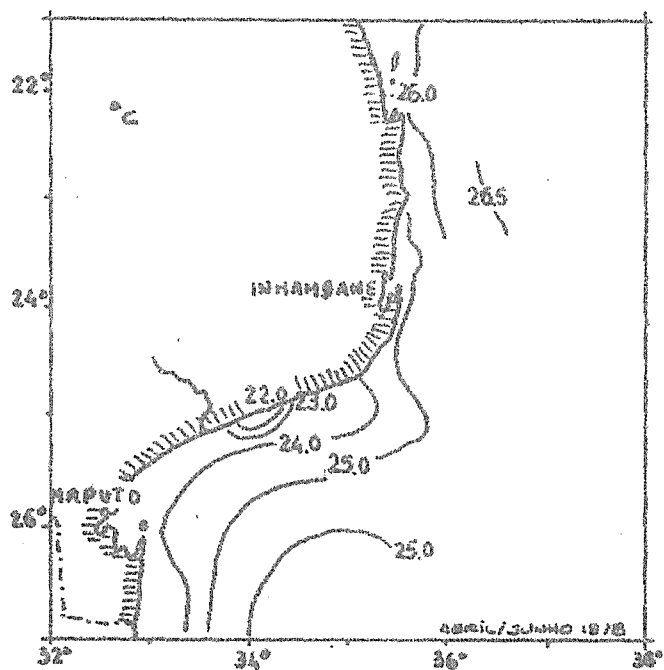


Fig. 6D - Carta de temperatura de superfície em Abril/Junho de 1978

O quadro de Fig. 7, mostra as temperaturas de superfície da água do mar, encontradas ao longo do programa de pesca experimental de corrico.

	SUB-AREA I	SUB-AREA II	SUB-AREA III	SUB-AREA IV
JAN			$\geq 24^{\circ}6 \leq 27^{\circ}0$	
FEV				
MAR		$27^{\circ}6$	$27^{\circ}4$	
ABR		$26^{\circ}2$	$\geq 26^{\circ}0 \leq 26^{\circ}2$	$\geq 26^{\circ}0 \leq 26^{\circ}4$
MAI			$\geq 24^{\circ}9 \leq 25^{\circ}5$	$\geq 25^{\circ}2 \leq 25^{\circ}5$
JUN				$\geq 22^{\circ}4 \leq 23^{\circ}2$
JUL		$\geq 21^{\circ}0 \leq 22^{\circ}0$		$\geq 21^{\circ}8 \leq 22^{\circ}2$
AGO				
SEP	$\geq 23^{\circ}0 \leq 23^{\circ}6$	$22^{\circ}4$		
OUT				
NOV		$\geq 22^{\circ}8 \leq 25^{\circ}2$	$\geq 24^{\circ}8 \leq 25^{\circ}2$	
DEZ			$\geq 26^{\circ}9 \leq 27^{\circ}4$	

Fig. 7 - Temperaturas de superfície, encontradas durante o decorrer do programa. (ver 8.1)

#### 4.4. SALINIDADE DE SUPERFÍCIE DA ÁGUA DO MAR

As figuras 8A a 8D, mostram cartas de salinidade à superfície, provenientes dos cruzeiros realizados pelo navio de investigação "DR FRIDJOF NANSEN", em quatro fases distintas do ano.

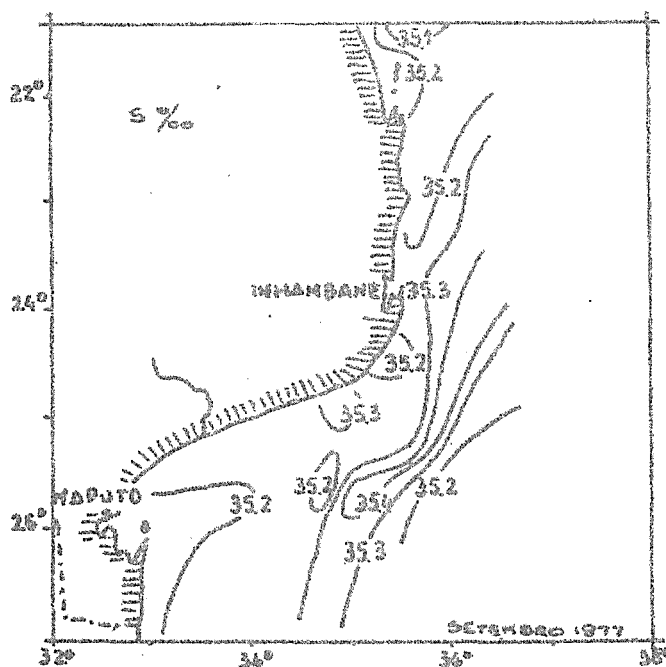


Fig. 8A - Carta de salinidade à superfície em Setembro de 1977.

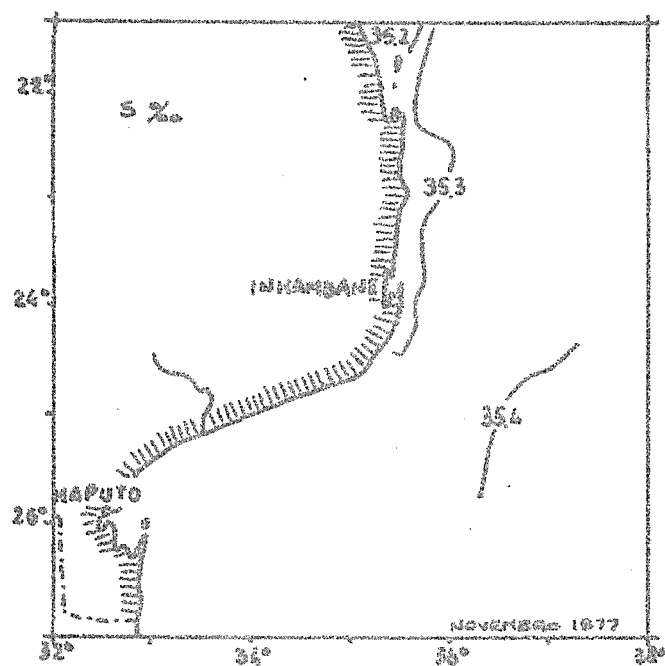


Fig. 8B - Carta de salinidade à superfície em Novembro de 1977.

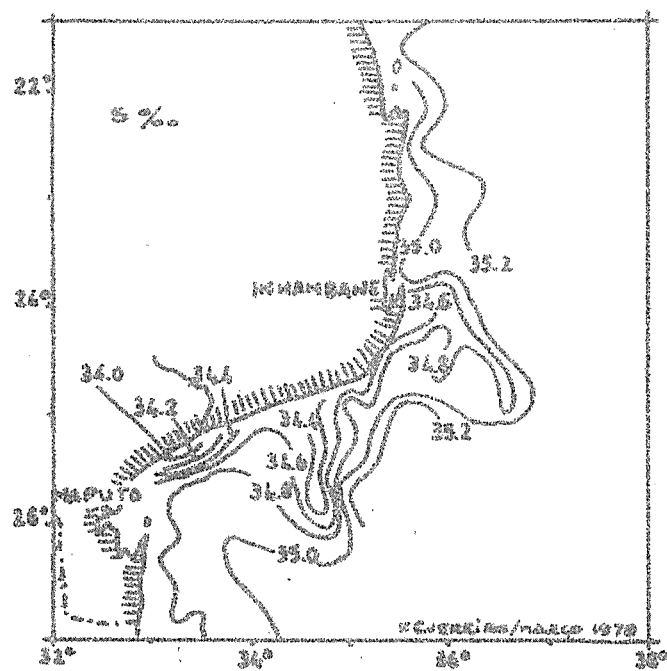


Fig. 8C - Carta de salinidade à superfície em Fev/Março de 1978.

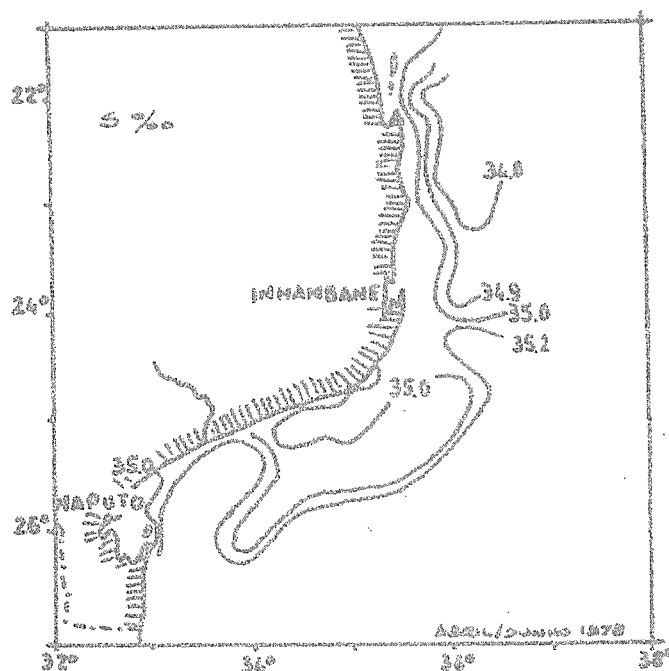


Fig. 8D -- Carta de salinidade à superfície em Abril/Junho de 1978.

## 5. EMBARCAÇÕES

### 5.1. EMBARCAÇÕES UTILIZADAS NO PROGRAMA

#### 5.1.1. CHAI III

Embarcação construída em madeira, pelo estaleiro da "NAVIPESCA" e lançado à água em 1986.

Comprimento fora a fora	-	14,40 m
Boca na ossada	-	4,00m
Pontal a meia nau	-	1,65m
Calado	-	1,30m
Capacidade do porão	-	12,00m <sup>3</sup>
Capacidade de combustível	-	3200L
Capacidade de água doce	-	800L
Potência	-	180 HP/2000RPM
Alojamento	-	6 Tripulantes



Equipado com uma sonda "FURUNO" mod. FE 881 MK2/50 KHZ, um radar de 24 milhas, um rádio SSB e um VHF.

Para a prática do corrico, a embarcação utilizou alternadamente, varas com recolha de linhas com carreto, varas (2) e linhas de reboque a ré (3) com recolha manual ou sómente linhas de reboque, com recolha manual, sendo 3 delas instaladas na popa e 6 instaladas em plumas - 3 em cada bordo.

Esta embarcação foi a mais vezes utilizada e não em exclusividade, devido ao atraso no seu aprontamento e a problemas de ordem técnica e operacional, surgidos durante a realização do programa.

Independentemente destes problemas, revelou-se uma óptima embarcação para o mar, com boa estabilidade e perfeitamente adaptada ao trabalho que se pretendia realizar; não é porém e em termos económicos, a embarcação mais aconselhada a ser utilizada na pesca de corrico, pelo menos no que diz respeito ao sector artesanal.

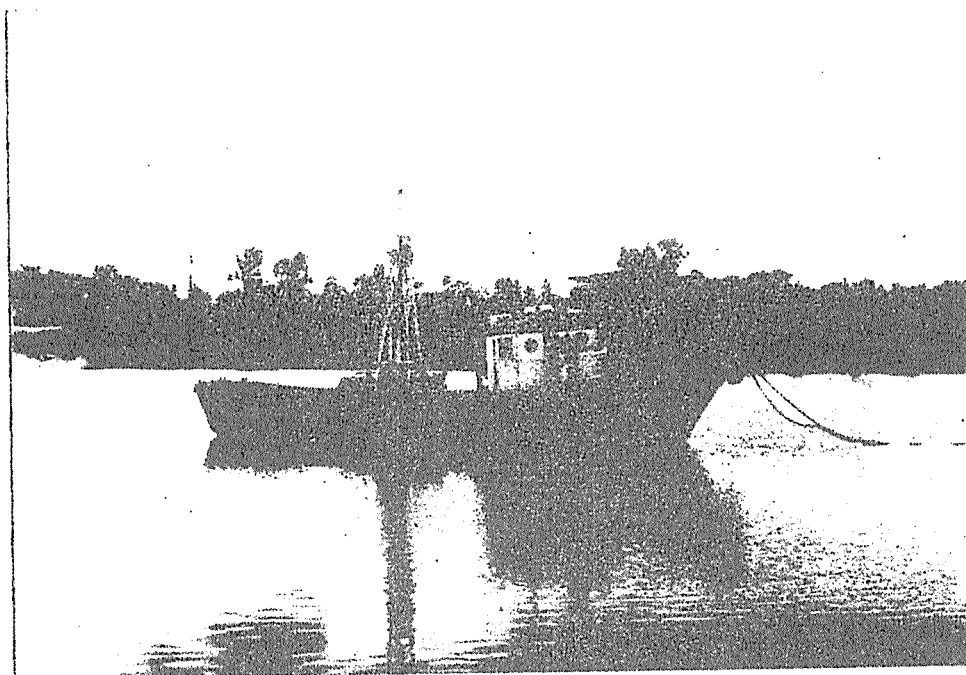


Fig. 9 - O "CHAI III"

5.1.2. EMBARCAÇÃO TIPO "MÖLNLYCKE"

Embarcação em fibra de vidro, construída pelos estaleiros suecos "MÖLNLYCKE MARINE" e entregues a Moçambique no âmbito do acordo com a ASDI.

Comprimento fora a fora	-	8,60m
Boca	-	2,90m
Comprimento na linha de água	-	7,60m
Calado	-	0,85m
Capacidade de combustível	-	240L
Potência	-	50 HP
Alojamento	-	3 Tripulantes.
Equipado com uma sonda, VHF e odómetro.		

Revelou-se uma excelente embarcação para o mar e adequada à prática da pesca de corrico, embora nunca a mesma tenha sido preparada para o efeito, já que foi utilizada sómente como alternativa ao "CHAI III".

Não foi mais vezes utilizada no programa, devido a ter pouca autonomia, não permitindo viagens muito para além das imediações da Baía de Maputo

Na prática do corrico a embarcação utilizou varas com recolha de linha com carreto - entre 2 e 4 varas e por vezes linhas de reboque com recolha manual.

Pode ser perfeitamente adaptada à prática de pesca de corrico, no âmbito do sector artesanal.

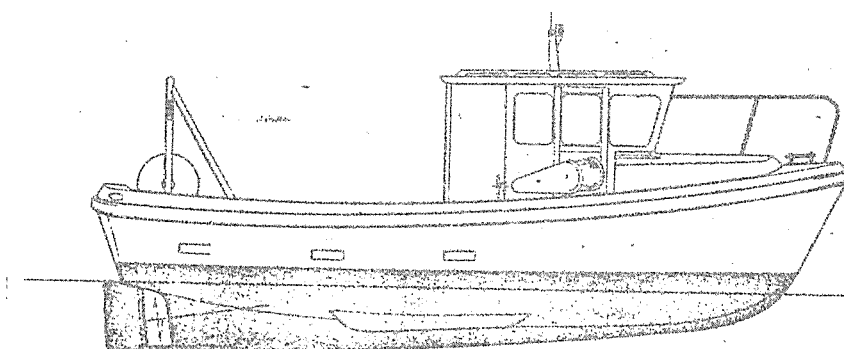


Fig. 10 - Embarcação tipo "Mölnlycke".

5.1.3. EMBARCAÇÃO TIPO "INVADER"

Embarcação em fibra de vidro.

Comprimento	-	5,2m
Boca	-	2,2m
Capacidade de combustível	-	250L
Potência	-	2 X 90 HP out board

Esta embarcação foi muito raramente utilizada no programa - 2 saídas e sómente como última alternativa ao "CHAI III" e ao "MÖLNLYCKE".

É uma óptima embarcação para a pesca de corrico, mas em termos económicos é impensável a sua utilização no âmbito da pesca artesanal.

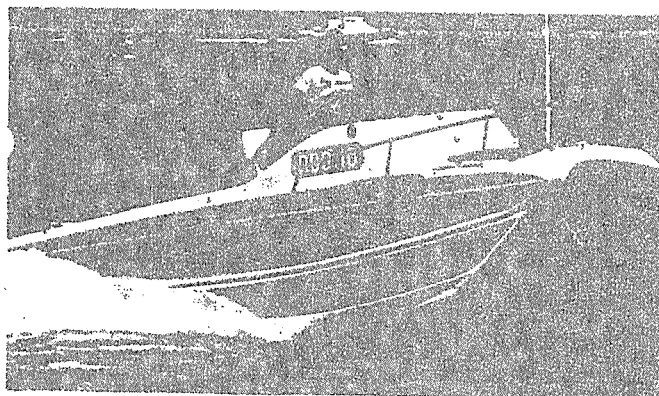


Fig. 11 -- INVADER

#### 6. TRIPULAÇÃO

O número de tripulantes variou de acordo com a embarcação utilizada. Assim:

##### a) "CHAI III"

Mestre	- 1
Motorista	- 1
Pescadores	- 2/3

Durante a realização do programa, embarcaram sempre, para além da tripulação, o técnico estrangeiro responsável pelo Projecto TCP/MOZ/5653 e o seu contraparte moçambicano, em conjunto ou separadamente.

##### b) "MÖLNLYCKE"

Mestre	- 1
Pescadores	- 1 ou 2

Durante a realização do programa, embarcaram sempre o técnico estrangeiro responsável pelo Projecto TCP/MOZ/5653 e /ou o seu contraparte moçambicano, sôzinhos ou por vezes acompanhados por 1 ou 2 pescadores.

c) INVADER

Nas duas saídas realizadas, embarcaram sómente o técnico estrangeiro e o seu contraparte moçambicano.

7. ARTES DE PESCA UTILIZADAS

Durante a realização do programa de pesca de corrico, utilizaram-se diversos tipos de artes de corrico, de acordo com a embarcação utilizada.

Passamos a analisar, cada uma das suas componentes:

7.1. VARAS E CARRETOS

Utilizaram-se varas de fibra, entre as 30 e os 130(lb). Todas elas estavam equipadas com carretos de recuperação entre os 4/0 e os 14/0, com linhas de nylon monofilamento e uma terminal em cabo de aço com resistências variáveis e de acordo com a vara, carreto, e linha de monofilamento utilizado.

ECONOMY TROLLING RODS 3/0 - 4/0 - 6/0 - 9/0

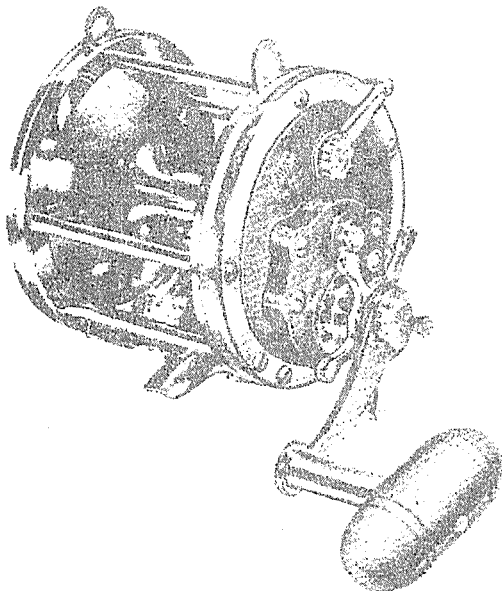
Rod No.	Lgth	1 or 2 Pc.	Action	Guides-Rollers		Type
TR-30	6½	1	Medium	3	2	Boat
TR-50	6½	1	Heavy	3	2	Boat
TR-80	6½	1	Heavy	3	2	Boat

DELUXE TROLLING RODS 3/0 - 4/0 - 6/0 - 9/0 - 12/0 - 14/0

R-30	6½	1	Medium	5	Boat
R-50	6½	1	Heavy	5	Boat
R-80	6½	1	Heavy	5	Boat
R-130	6½	1	Heavy	5	Boat

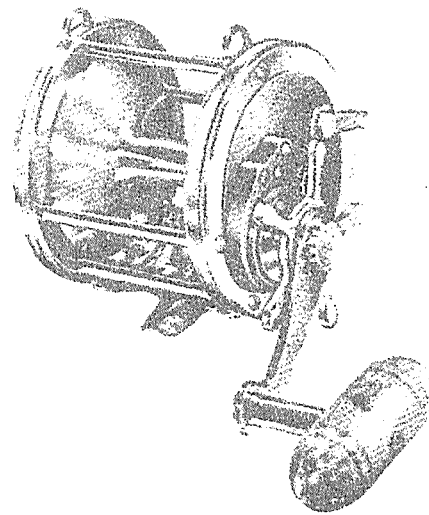
IGFA BOAT RODS FOR PENN INTERNATIONALS

AL30	6½	1	Medium	5	Boat
AL50	6½	1	Heavy	5	Boat
AL80	6½	1	Heavy	5	Boat



113H PENN® SPECIAL SENATOR  
LIGHT TACKLE GAMEFISH REEL  
— SIZE 4/0

UNUSUALLY FAST RETRIEVE — Extra strong — dependable. One-piece solid bronze spool. Features shielded ball bearings — brake lining drags with easy access for servicing. Harness lugs and rod clamps supplied. High gear ratio 3¼ to 1. Approx. cap. 450 yds. 30 lb. Dacron. Plate diameter 3½". Spool width 2⅞". Weight 34 oz.



114H PENN® SPECIAL SENATOR  
GAMEFISH REEL — SIZE 6/0

VERY FAST with EXTRA POWER and EXTRA SMOOTHNESS. Oversize drags can be serviced without removing side plate. Solid one-piece spool. Aircraft quality ball bearings. Approx. cap. 400 yds. 50 lb. IGFA class Dacron. Gear ratio 2.8 to 1. Plate diameter 4⅞". Spool width 2¾". Weight 52 oz. Rod clamps and harness lugs supplied.

7.2. LINHAS DE CORRICO

Utilizaram-se linhas de corrico manuais, em nylon monofilamento com diâmetro de 2,0 mm; em todas as linhas foram montados amortecedores de choque em borracha e terminais em aço.



Fig. 14 - Amortecedor de Borracha

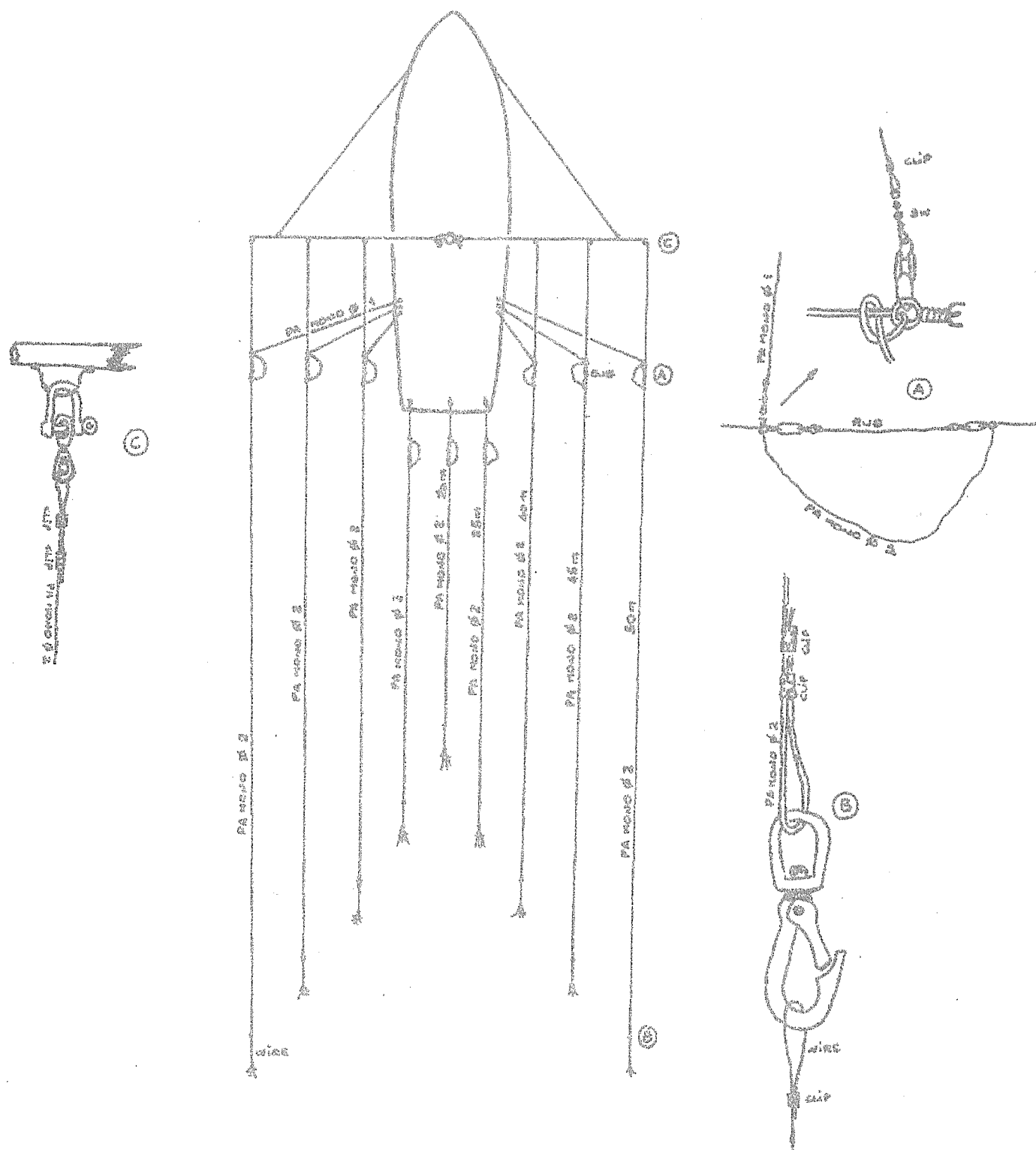


Fig. 15 - A montagem das linhas de corrico a bordo do "CHAI III"



### 7.3. AS AMOSTRAS

Utilizaram-se vários tipos de amostra, cada uma delas com tamanhos e cores diferentes.

#### 7.3.1. AMOSTRA TIPO "RAPALA"

Utilizaram-se 2 tipos de amostras, cada tipo com 3 tamanhos e 5 cores diferentes.

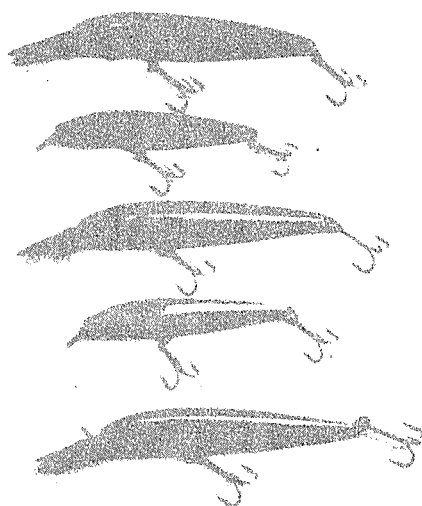


Fig. 16 - Amostra tipo "RAPALA"

O rendimento das amostras tipo "RAPALA", em madeira, pode considerar-se bom, com algumas vantagens e inconvenientes.

#### - VANTAGENS

- \* Bons rendimentos
- \* Duráveis, quando em comparação com outros tipos de amostra utilizados

- INCONVENIENTES

- \* Anzois de origem, de fraca qualidade, abrindo-se com muita facilidade
- \* Afinação difícil, depois de algum tempo de utilização
- \* Mais caras, quando em comparação com as outros tipos de amostra utilizados
- \* Dificil aplicação nas linhas de reboque de recuperação manual, principalmente quando se utilizaram 9 linhas, pois se não estão devidamente afinadas, cruzam-se com muita facilidade, criando emaranhados difíceis de desfazer.

Aconselha-se a substituição dos anzois triplos de origem, por anzois mais fortes e que não abram com facilidade e a não utilização de amostras deste tipo em linhas de reboque de recuperação manual, a menos que as mesmas se encontrem muito afastadas umas das outras.

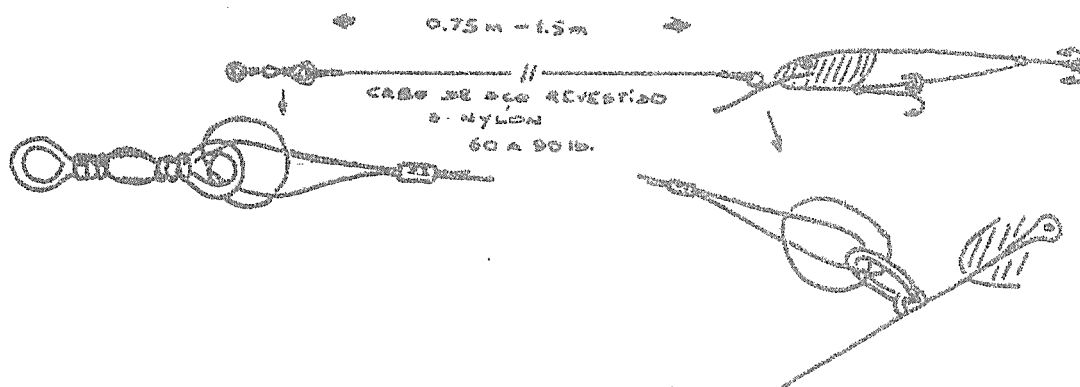


Fig. 17 - A montagem da "RAPALA"

Amostras "RAPALA" utilizadas:

- \* Modelo 11-MAG, 11cm, 17g, cores S, GFR, SM, RH, GM
- \* Modelo 14-MAG, 14cm, 28g, mesmas cores
- \* Modelo CD-11-MAG, 11cm, 24g, mesmas cores
- \* Modelo CD-14-MAG, 14cm, 36g, mesmas cores
- \* Modelo CD-18-MAG, 18cm, 70g, mesmas cores

CORES:

- S - Preta/Prateada
- GFR - Vermelho fluorescente/Dourada
- SM - Azul/Prateada
- RH - Branca/Cabeça vermelha
- GM - Verde/Dourada

#### 7.3.2. AMOSTRAS GOLDEN BAIT - TIPO "OCTOPUS"

Amostras em plástico, com cabeça de chumbo embotido, utilizaram-se dois tamanhos, 5" 3/8 e 4" 3/4 e uma grande variedade de cores.

Aplicaram-se por vezes, diferentes tipos de cabeça exterior - New Pearl Jig e Kona Head Lure.

O rendimento deste tipo de amostras pode considerar-se bom, com algumas vantagens e inconvenientes.

#### - VANTAGENS

- \* Bons rendimentos
- \* Podem ser montadas de acordo com as necessidades
- \* Melhores preços, quando em comparação com as "RAPALA"
- \* Podem ser utilizados em linhas de reboque de recuperação manual, sem problemas.

#### - INCONVENIENTES

- \* Pouco duráveis. Depois de capturarem alguns peixes têm de ser rapidamente substituídas.

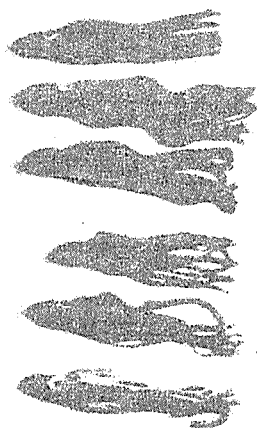


Fig. 18 - Amostra tipo "OCTOPUS"

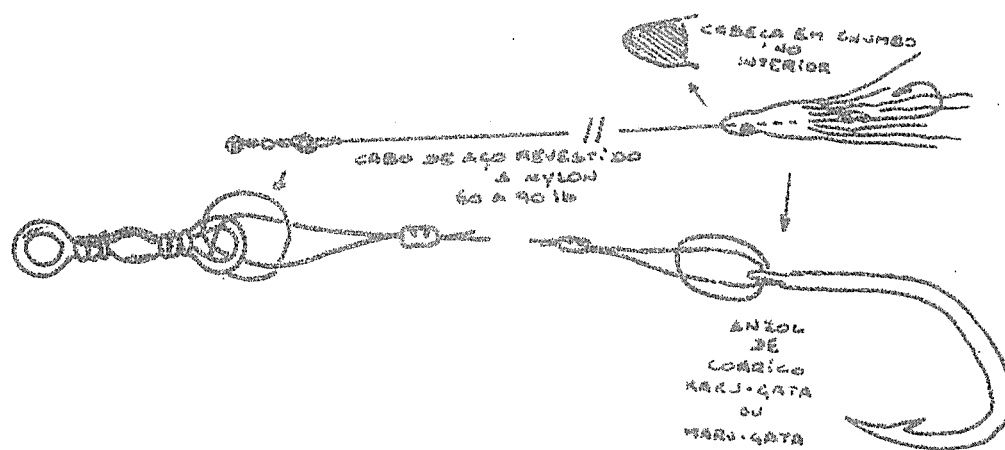


Fig. 19 - A montagem de uma "OCTOPUS"

7.3.3. AMOSTRAS GOLDEN BAIT-TIPO "FEATHER-JIG"

Amostras com penas, com cabeça em chumbo com olho vermelho, ou cabeça tipo New Pearl Jig ou Shell Head Feather. Utilizaram-se tamanhos entre 3 e 8 OZ. e 7 cores diferentes.



Fig. 20 - Amostra tipo "Feather-Jig"

Apresentam as mesmas vantagens e inconvenientes das amostras tipo "Octopus", embora com rendimentos diferentes.

A sua montagem é semelhante à daquelas amostras.

7.3.4. AMOSTRAS GOLDEN-BAIT TIPO "SQUID"

O tempo de utilização foi muito curto, pelo que não se podem tirar conclusões.

7.3.5. AMOSTRA GOLDEN-BAIT TIPO "BONITO-NYLON JIG"

O tempo de utilização foi muito curta, pelo que não se podem tirar conclusões.

#### 7.4. OUTRO MATERIAL UTILIZADO

Para além da aparelhagem atrás indicada, utilizou-se outro material, que passamos a enumerar:

##### 7.4.1. ALICATE DE MONTAGEM

Bastante importante na montagem dos cabos de aço, quando da aplicação dos clips.

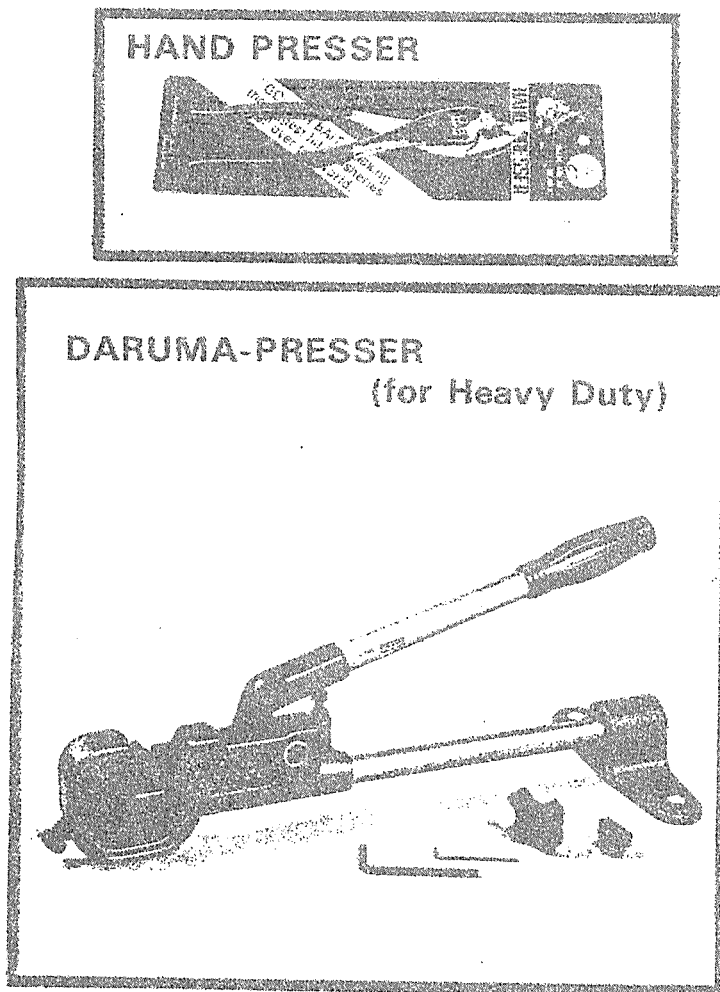


Fig. 21 - Alicate de Montagem

##### 7.4.2. ESTABILIZADORES

Foram utilizados durante alguns períodos de tempo, sem resultado.

A inexperiência na sua utilização, pode ser a explicação para os resultados negativos obtidos.

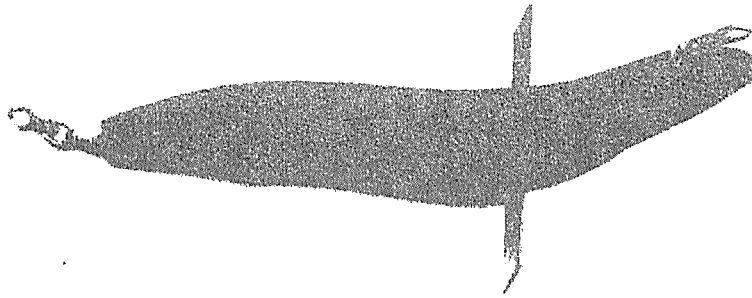


Fig. 22 - Estabilizadores

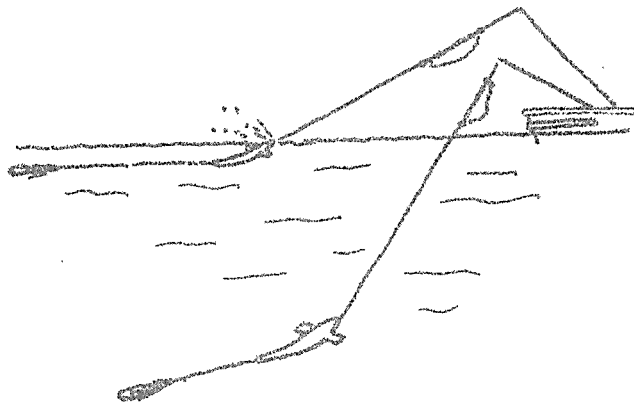


Fig. 23 - A montagem dos estabilizadores

7.4.3. BICHEIRO

Indispensável para sacar o peixe da água.

O seu comprimento, depende da altura do convés à água.

7.4.4. TIRA-TEIMAS

Peca de madeira ou outro material consistente, que deve ser utilizado para bater na cabeça do peixe, depois de o mesmo ser tirado da água. Serve para imobilizar ou matar o peixe e facilitar a desferragem da amostra.

7.4.5. LUVAS

Devem ser utilizadas, quando se trabalha com linhas de reboque de recuperação manual.

8. ACTIVIDADE E OS RESULTADOS DO PROGRAMA DE PESCA EXPERIMENTAL  
DE CORRICO NA ZONA SUL DA COSTA DE MOÇAMBIQUE

8.1. SUB-ÁREAS DE ACTIVIDADE

Porque os rendimentos obtidos, foram significantivamente diferentes de local para local, a fim de se obter uma melhor análise dos mesmos, dividimos a costa sul de Moçambique, em quatro sub-áreas, a saber:

- I - Barra Falsa (22°50'S) à Ponta Závora (24° 30'S)
- II - Ponta Závora (24°30'S) ao Farol Lacerda (25°32'S)
- III - Farol Lacerda (25°32'S) ao Cabo de Santa Maria (26°05'S)
- IV - Cabo de Santa Maria (26°05'S) à Ponta do Ouro (26°50'S)



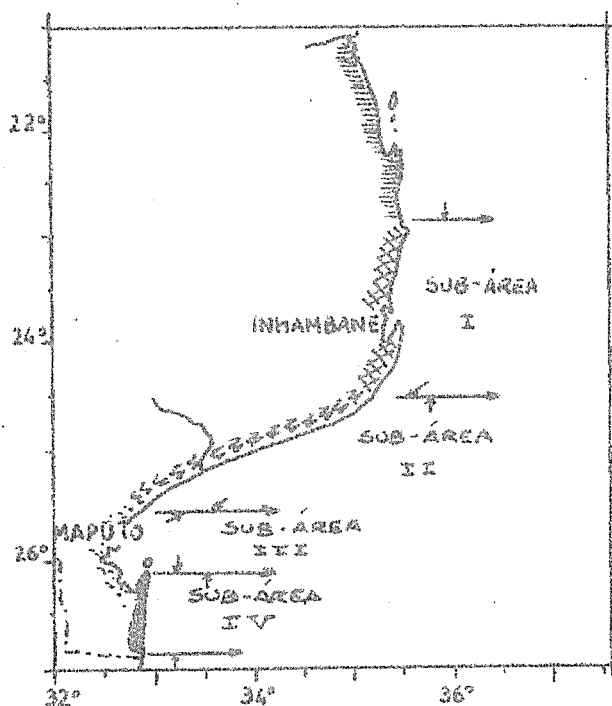


Fig. 24 - Sub-áreas de actividade

## 8.2. DIAS DE ACTIVIDADES

Foram recolhidos dados e informações, ao longo de 91 dias de actividade de pesca, assim distribuídos.

sub-área I	-	5 dias de pesca efectiva
sub-área II	-	17 dias de pesca efectiva
sub-área III	-	50 dias de pesca efectiva
sub-área IV	-	19 dias de pesca efectiva

### 8.2.1. CAPTURAS TOTAIS E RENDIMENTOS POR DIAS EFECTIVOS DE PESCA

Pelo quadro de fig. 25, podem verificar-se os resultados das capturas totais e rendimentos diários mensais, conseguidos nos 91 dias de pesca efectiva, nas quatro sub-áreas anteriormente definidas:

	SUB-ÁREA I			SUB-ÁREA II			SUB-ÁREA III			SUB-ÁREA IV			TOTAL		
	Nº DIAS EF.Pes	CAPTURAS TOTAL KG	KG D. EP.	Nº DIAS EF.Pes	CAPTURAS TOTAL KG	KG D. EP.	Nº DIAS EF.Pes	CAPTURAS TOTAL KG	KG D. EP.	Nº DIAS EF.Pes	CAPTURAS TOTAL KG	KG D. EP.	Nº DIAS EF.Pes	CAPTURAS TOTAL KG	KG D. EP.
JAN							8	4252	53.2	1	173.2	173.2	9	598.4	66.5
FEV							8	2346	29.3	2	454.9	227.5	10	689.5	69.0
MAR				1	33.2	33.2	9	301.8	33.5				10	335.0	33.5
ABR				3	146.5	48.8	2	28.0	14.0	1	57.3	57.3	6	231.8	38.6
MAI				2	250.2	125.1	3	101.8	33.9	2	225.1	112.6	7	577.1	82.4
JUN				1	25.4	25.4	4	65.0	16.3	4	351.0	87.8	9	441.4	49.0
JUL				3	84.9	28.3	3	56.0	18.7	3	207.0	69.0	9	347.9	38.7
AGO				2	49.3	24.7				1	61.0	61.0	3	110.3	36.8
SET	5	247.0	49.4										5	247.0	49.4
OUT				2	39.4	19.7	2	15.4	7.7	2	246.5	123.3	6	301.3	50.2
NOV				1	26.3	26.3	7	107.0	15.3	2	239.4	119.7	10	372.7	37.3
DEZ				2	50.2	25.1	4	63.1	15.8	1	101.4	101.4	7	214.7	30.1
	5	247.0	49.4	17	705.4	41.5	50	1397.9	28.0	19	2116.8	111.4	91	4467.1	49.1

Fig. 25 - Capturas totais e rendimentos por dias efectivos de pesca.

O melhor rendimento por dia efectivo de pesca foi conseguido na sub-área IV; os resultados obtidos na sub-área I podem ser significativos, já que foram conseguidos em dias pouco propícios à prática de pesca de corrido e na pior época de pesca, segundo as informações dos pescadores locais.

#### 8.2.2. RENDIMENTOS POR TEMPO DE ACTIVIDADE

Pelo quadro de fig. 26, podem verificar-se os rendimentos por horas de actividade mensal nas quatro sub-áreas consideradas:

	SUB-ÁREA I		SUB-ÁREA II		SUB-ÁREA III		SUB-ÁREA IV		TOTAL	
	Nº		Nº		Nº		Nº		Nº	
	HORAS	KG/h	HORAS	KG/h	HORAS	KG/h	HORAS	KG/h	HORAS	KG/h
JAN	-	-	-	-	27.2	15.6	6.4	27.0	33.6	17.8
FEV	-	-	-	-	23.2	10.1	13.4	33.9	36.6	18.8
MAR	-	-	2.1	16.0	32.4	9.3	-	-	34.5	9.7
ABR	-	-	19.4	7.5	2.5	11.2	7.9	7.2	29.8	7.8
MAI	-	-	11.8	21.1	17.0	6.0	15.7	14.4	44.5	13.0
JUN	-	-	7	37.9	3.5	18.6	19.0	18.5	23.2	19.1
JUL	-	-	17.5	4.9	4.2	13.4	27.7	9.6	43.3	8.0
AGO	-	-	5.2	9.5	-	-	6.4	9.5	11.6	9.5
SET	20.0	12.4	-	-	-	-	-	-	20.0	12.4
OUT	-	-	5.3	7.5	7.6	2.0	16.8	14.7	29.6	10.2
NOV	-	-	2.3	11.3	26.1	4.1	9.8	24.4	38.3	9.7
DEZ	-	-	4.2	12.0	5.6	11.3	5.3	19.0	15.1	14.2
	20.0	12.4	68.5	10.3	14.9	9.4	122.4	17.3	360.1	12.4

Fig. 26 - Rendimentos por hora de actividade.

Volta a ser a sub-área IV, a que apresenta melhores índices de rendimento. A sub-área I, volta a aparecer na segunda posição, o que pode ser considerado significativo, se tomarmos em consideração os factos descritos em 8.2.1.

### 8.2.3. RENDIMENTOS POR TEMPO DE ACTIVIDADE/NÚMERO DE LINHAS UTILIZADAS

Utilizaram-se simultaneamente, entre 2 e 9 linhas de corrico; os resultados registados, estão ligeiramente deturpados, pois muitas vezes não foram considerados os tempos de imobilização das linhas, ou por mudança de amostra, ou por desferragem do peixe a bordo e ainda por emaranhamento entre elas.

Pelo quadro de fig. 27, podem verificar-se os rendimentos por horas de actividade/número de linhas utilizadas, mensal, nas quatro sub-áreas consideradas:

	SUB-ÁREA I	SUB-ÁREA II	SUB-ÁREA III	SUB-ÁREA IV	TOTAL
	Kg/1/h	Kg/1/h	Kg/1/h	Kg/1/h	Kg/1/h
JAN	-	-	4.4	6.7	4.9
FEV	-	-	2.9	8.5	5.1
MAR	-	4.0	2.3	-	2.4
ABR	-	1.6	3.5	1.4	1.6
MAI	-	5.3	1.3	2.9	2.8
JUN	-	9.5	4.6	4.0	4.3
JUL	-	0.5	3.4	1.1	1.0
AGO	-	2.4	-	2.4	2.4
SET	2.1	-	-	-	2.1
OUT	-	2.3	0.5	2.2	1.9
NOV	-	2.8	1.6	6.1	3.3
DEZ	-	3.0	3.5	4.8	3.8
	2.1	1.9	2.6	3.2	2.6

Fig. 27 - Rendimentos Kg/linha/hora

Volta a ser a sub-área IV a que apresenta melhores índices de rendimento.

#### 8.2.4. EXEMPLARES CAPTURADOS. DADOS GERAIS

Pelo quadro da fig. 28, podem verificar-se não só o número de exemplares total capturados, a captura média de exemplares por dia de pesca efectiva, como também o peso médio por exemplar, em cada uma das áreas consideradas.

	SUB-ÁREA I			SUB-ÁREA II			SUB-ÁREA III			SUB-ÁREA IV			TOTAL		
	Nº Ex CAPTU	Nº Ex P/DPE	Ps Md P/EX	Nº Ex CAPTU	Nº Ex P/DPE	Ps Md P/EX	Nº Ex CAPTU	Nº Ex P/DPE	Ps Md P/EX	Nº Ex CAPTU	Nº Ex P/DPE	Ps Md P/EX	Nº Ex CAPTU	Nº Ex P/DPE	Ps Md P/EX
JAN	-	-	-	-	-	-	76	9.5	5.59	28	28.0	6.19	104	11.6	5.75
FEV	-	-	-	-	-	-	47	5.9	4.99	69	34.5	6.59	116	11.6	5.94
MAR	-	-	-	10	10.0	3.32	49	5.4	6.16	-	-	-	59	5.9	5.68
ABR	-	-	-	23	7.7	6.37	5	2.5	5.60	17	17.0	3.37	45	7.5	5.15
MAI	-	-	-	37	18.5	6.76	28	9.3	3.64	54	27.0	4.17	119	17.0	4.85
JUN	-	-	-	3	3.0	8.47	17	4.3	3.82	62	15.5	5.66	82	9.1	5.38
JUL	-	-	-	18	6.0	4.72	9	3.0	6.22	48	16.0	4.31	75	8.3	4.64
AGO	-	-	-	8	4.0	6.16	-	-	-	14	14.0	4.36	22	7.3	5.01
SET	33	6.6	7.48	-	-	-	-	-	-	-	-	-	33	6.6	7.48
OUT	-	-	-	5	2.5	7.88	7	3.5	2.20	39	19.5	6.32	51	8.5	5.91
NOV	-	-	-	2	2.0	13.15	20	2.9	5.35	39	19.5	6.14	61	6.1	6.11
DEZ	-	-	-	8	4.0	6.28	10	2.5	6.31	18	18.0	5.63	36	5.1	5.96
	33	6.6	7.48	114	6.7	6.19	268	5.4	5.22	388	20.4	5.46	803	8.8	5.56

Fig. 28 - Número total de exemplares capturados; Número de exemplares capturados por dia efectivo de pesca; peso médio por exemplar.

Dos números apresentados, há que destacar de imediato o elevado peso médio por exemplar em todas as épocas e em todas as sub-áreas; este facto aliado à percentagem de peixe de 1ª qualidade capturado durante o programa - praticamente 100%, leva-nos a dizer que a arte de corrico se pode considerar uma actividade de pesca de peixe de qualidade.

### 8.3. DADOS DE INTERLIGAÇÃO CAPTURAS/AMOSTRAS/CÔRES

#### 8.3.1. INTERLIGAÇÃO ENTRE CAPTURAS E AMOSTRAS UTILIZADAS

Como foi descrito em 7.3, ao longo do programa foram utilizados vários tipos de amostra; cada uma delas com tamanhos e côres diferentes:

- "Rapala"
- "Golden-Bait" - Tipo Octopus
- Tipo Feather-Jig
- Tipo Squid
- Tipo Bonito-Nylon Jig

Registaram-se dados de captura, relativos à utilização em tempo efectivo de pesca, dos seguintes tipos de amostra:

Rapala	- 321h 00m
Golden-Bait, Tipo Octopus	- 399h 20m
Golden-Bait, Tipo Feather-Jig	- 360h 25m
Golden-Bait, Tipo Squid	- 50m
Golden-Bait, Tipo Tuna-Jig	- 4h 55m

A estes tempos efectivos de pesca e pela leitura do quadro da fig. 29, podem verificar-se os rendimentos por tipo de amostra.

TIPO DE AMOSTRA	Kg/h	Ex/h
RAPALA	2.77	0.50
GB/OCTOPUS	1.18	0.29
GB/FEATHER - JIG	1.14	0.25
GB/SQUID	0.00	0.00
GB/TUNA-JIG	0.00	0.00

Fig. 29 - Rendimento horário por tipo de amostra utilizada

A Rapala e em termos globais, foi a amostra mais produtiva; em termos de peso, o rendimento ultrapassou mesmo o dobro dos rendimentos das amostras Golden-Bait.

Há porém que tomar em consideração, como veremos posteriormente, que determinadas espécies responderam melhor às amostras Golden-Bait do que às Rapala.

### 8.3.2. INTERLIGAÇÃO ENTRE CAPTURAS E AS CÔRES DAS AMOSTRAS UTILIZADAS

Registaram-se dados de captura, relativos à utilização em tempo efectivo de pesca, das seguintes côres:

Vermelho	-	297h 05m	Azul	-	88h 20m
Verde	-	233h 50m	Amarelo	-	81h 25m
Branco	-	216h 20m	Cinzento	-	35h 10m
Laranja	-	165h 00m	Castanho	-	23h 55m
Preto	-	121h 15m	Multi-côres-	-	13h 20m

A estes tempos efectivos de pesca e pela leitura do quadro de fig.30, podem verifica-se os rendimentos por côr utilizada.

CÔRES	Kg/h	Ex/h	CÔRES	Kg/h	Ex/h
VERMELHO	1.87	0.38	AZUL	0.94	0.19
VERDE	2.02	0.47	AMARELO	0.69	0.20
BRANCO	1.23	0.26	CINZENTO	0.67	0.25
LARANJA	1.63	0.31	CASTANHO	1.12	0.38
PRETO	2.37	0.39	MULTI-CÔRES	0.00	0.00

Fig. 30 - Rendimento horário por côr utilizada

Em termos globais e no que respeita a rendimentos peso/hora, foi o preto a côr que melhores resultados apresentou, embora se possam destacar os rendimentos da côr verde, superior a 2kg/h e vermelho, laranja, branco e castanho, superiores a 1kg/h.

Em termos globais e no que respeita a rendimentos, número de exemplares/hora, foi o verde aquela que melhores resultados apresentou, embora muito semelhantes ao preto, castanho, vermelho e laranja.

Os melhores ou piores resultados da utilização das diversos côres, dependem porém e como posteriormente veremos, das condições em que se praticou o corrico, parecendo haver para cada uma das espécies; uma ou mais côres preferenciais.

#### 8.4. OS PERIODOS DE ACTIVIDADE DIARIA

Os resultados que se apresentam, correspondem à recolha de informação de 212h 10m de actividade.

Pelo quadro e gráfico das figs. 31 e 32, podem verificar-se os rendimentos da actividade diária de pesca, por períodos de uma hora.

HORAS	Kg/h	Ex/h	HORAS	Kg/h	Ex/h
05/06	1.16	0.86	12/13	5.89	1.14
06/07	9.98	1.73	13/14	6.23	1.40
07/08	9.71	1.87	14/15	6.10	1.40
08/09	10.65	2.00	15/16	9.16	2.27
09/10	7.40	1.45	16/17	15.18	3.14
10/11	7.83	1.61	17/18	10.40	2.90
11/12	5.74	1.45	18/19	0.00	0.00

Fig. 31 - Rendimentos da actividade diária, por períodos de uma hora

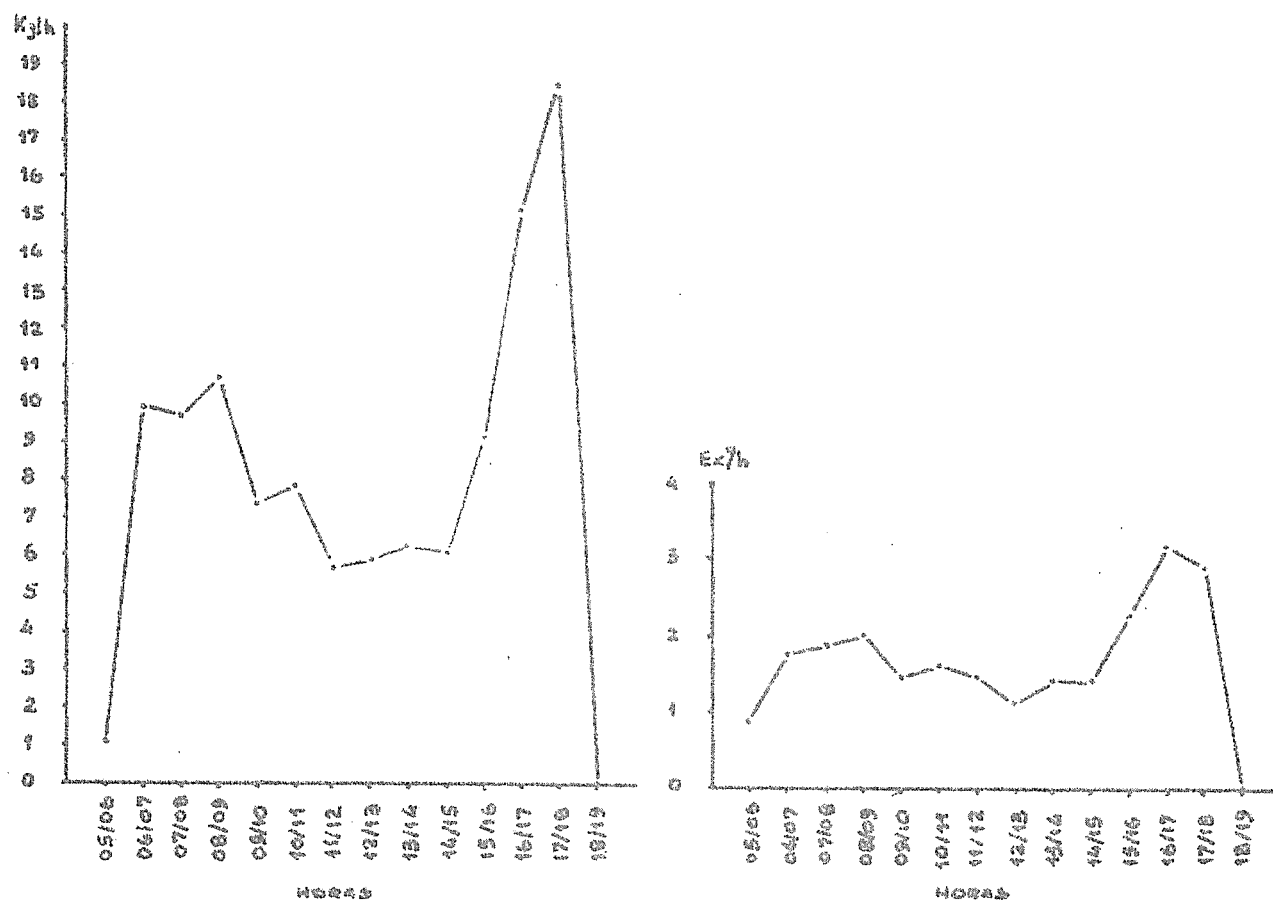


Fig. 32 - Gráfico dos rendimentos de actividades diária, por períodos de uma hora.



Analisando o quadro e o gráfico em causa, pode dizer-se e em relação ao programa realizado que:

- Os períodos antes do nascer e depois do pôr do sol (0500/0600 e 1800/1900 horas), apresentam rendimentos muito baixos ou mesmo nulos; a explicação pode ter a ver com a fraca luminosidade durante os mesmos (?);

- Os períodos de melhores rendimentos, foram os que se seguiram ao nascer do sol (0600/0900 horas) e os que antecederam o pôr do sol (1500/1800 horas);

- O período entre as 0900 e 1500 horas, apresentou rendimentos acentuadamente inferiores aos anteriores, especialmente a partir das 1100 horas;

- Os gráficos de rendimentos kg/h e exemplar/hora, são muito semelhantes.

Parece portanto poder dizer-se, que os melhores períodos para a pesca do corrico, decorrem entre as 0600 e 0900 horas e as 1500 e 1800 horas.

#### 8.5. INTERLIGAÇÃO ENTRE CAPTURAS E SONDAS

##### 8.5.1. CAPTURA E SONDAS EM TERMOS GLOBAIS

Ao longo do programa, corricou-se entre as batimétricas dos 5 e 50 metros; muito raramente se saiu para dentro ou para fora das mesmas.

Os resultados apresentados, referem-se a um total de 375 exemplares e 1807,7 kg de peixe capturado.

PROFUNDIDADE	TOTAL Kgs.	Nº TOTAL Exps.	PESO MÉDIO P/Ex.
<10 m	142,1	36	3,95
≥10 m < 20 m	1052,6	199	5,29
≥20 m	613,0	140	4,38

Fig. 33 - Captura por sondas

Não se podem fazer avaliações de rendimentos, pois não foi contabilizado o tempo de pesca em cada uma das batimétricas.

De qualquer maneira, parece ser a zona entre os 10 e 20 metros, aquela que melhores perspectivas oferece para a prática do corrico.

E de assinalar, que a faixa a apresentar o maior peso médio por exemplar, foi também a que situou entre os 10 e 20 metros.

#### 8.5.2. - INTERLIGAÇÃO ENTRE CAPTURAS, TIPO DE AMOSTRA E SONDAS

Porque não foi contabilizado o tempo de pesca em cada uma das batimétricas, é impossível estabelecer rendimentos para cada um dos tipos de amostra, em diferentes profundidades.

Ficámos no entanto com a sensação, de que as amostras tipo Octopus e Feather-Jig, aumentam de rendimento, conforme aumenta a profundidade em que se corrica.

#### 8.6. - INTERLIGAÇÃO NEBULOSIDADE/CAPTURAS

##### 8.6.1. - RENDIMENTOS POR FAIXAS DE NEBULOSIDADE

Consideraram-se para o efeito, três faixas de nebulosidade:

0 a 2/oitavos - Forte luminosidade

3 a 5/oitavos - Média luminosidade

6 a 8/oitavos - Baixa luminosidade

Pelo quadro de fig. 34, podem verificar-se os rendimentos em cada uma dessas faixas. Os rendimentos foram calculados em função das horas de corrico em cada uma dessas faixas, num total de 837 horas e 25 minutos.

FAIXAS DE NEBULOSIDADE	Kg/h	Ex/h
0/8 A 2/8	1.82	0.35
3/8 A 5/8	1.82	0.40
6/8 A 8/8	1.91	0.43

Fig. 34 - Rendimentos por faixas de nebulosidade.

Da análise do quadro, pode dizer-se que e em termos gerais, os rendimentos aumentaram ligeiramente, conforme a nebulosidade se tornava maior.

Não nos parece lógico esta conclusão, pois em princípio considerávamos que os rendimentos deveriam baixar em função da diminuição de luminosidade; assim não aconteceu e só a experiência futura poderá confirmar ou negar os resultados obtidos.

#### 8.6.2. - INTERLIGAÇÃO ENTRE CAPTURAS, TIPO DE AMOSTRA E NEBULOSIDADE

Consideraram-se para o efeito, o mesmo número de horas de corrico - 837 horas e 25 minutos.

	0/8 A 2/8		3/8 A 5/8		6/8 A 8/8	
	Kg/h	Ex/h	Kg/h	Ex/h	Kg/h	Ex/h
RAPALA	3.82	0.61	2.51	0.54	3.69	0.73
GB/OCTOPUS	1.16	0.28	1.96	0.45	0.83	0.26
GB/FEATHER-JIG	1.29	0.25	1.02	0.23	1.28	0.33

Fig. 35 - Interligação entre rendimentos de captura, amostras e nebulosidade

Os rendimentos conseguidos pela Rapala e a Feather-Jig, contrariam os rendimentos gerais, isto é, são maiores com menor nebulosidade, embora se assista a uma diminuição de rendimentos de baixa para a média nebulosidade, aumentando novamente, quando a nebulosidade se torna forte.

A Octopus, pelo contrário, aumento de rendimento da baixa para a média nebulosidade, diminuindo de média para a alta nebulosidade.

#### 8.6.3. - INTERLIGAÇÃO ENTRE CAPTURAS, CÔR DAS AMOSTRAS E NEBULOSIDADE

Neste item, consideraram-se 994 horas e 55 minutos de corrico.

	0/8 A 2/8		3/8 A 5/8		6/8 A 8/8	
	Kg/h	Ex/h	Kg/h	Ex/h	Kg/h	Ex/h
VERMELHO	1.20	0.26	2.92	0.56	1.70	0.41
VERDE	2.94	0.62	1.99	0.45	2.02	0.52
BRANCO	1.05	0.24	1.33	0.25	1.34	0.31
LARANJA	3.19	0.48	1.32	0.26	0.59	0.12
PRETO	2.99	0.40	1.95	0.32	4.35	0.82
AZUL	0.63	0.20	1.24	0.20	1.50	0.38
AMARELO	0.98	0.24	0.69	0.24	0.59	0.25
CINZENTO	0.14	0.04	1.40	0.32	0.00	0.00
CASTANHO	—	—	0.80	0.24	0.00	0.00
MULTI	0.00	0.00	0.00	0.00	—	—

Fig. 36 - Interligação entre rendimentos de captura, cores das amostras e nebulosidade.

Analisando o quadro, verifica-se que:

- Com fraca nebulosidade, forte luminosidade, as cores mais produtivas foram o laranja, o preto e o verde;

- Com média nebulosidade, média luminosidade, a cor mais produtiva foi o vermelho, embora o verde e o preto, continuem a apresentar rendimentos razoáveis;

- Com forte nebulosidade, baixa luminosidade, a cor mais produtiva foi o preto, continuando o verde a apresentar um rendimento acima de média.

#### 8.7. - O VENTO E AS CAPTURAS

Consideraram-se 63 dias de pesca de corrico, para análise dos rendimentos em função do vento.

	Kg/d	Ex/d
N	40.71	7.73
N.E	10.40	1.50
E	13.60	3.17
S.E	31.76	7.50
S	33.20	6.22
SW	31.50	6.00
W	5.35	0.91
NW	—	—
CALMA	33.63	7.33

Fig. 37 - Interligação entre rendimentos de captura e os ventos.

Pela análise do quadro, verifica-se que os melhores rendimentos aconteceram, com ventos do N, SE a SW e com Calma.

#### 8.8. - AS TEMPERATURAS DE SUPERFÍCIE E AS CAPTURAS

Consideraram-se 38 dias de pesca de corrico, para análise dos rendimentos em função das temperaturas de superfície.

	Kg/h	Ex/h
21°0 A 21°9 C	9.45	2.50
22°0 A 22°9 C	48.93	9.63
23°0 A 23°9 C	57.90	9.14
24°0 A 24°9 C	17.45	3.50
25°0 A 25°9 C	54.45	13.50
26°0 A 26°9 C	22.34	6.80
27°0 A 27°6 C	30.82	6.33

Fig. 38 - Interligação entre rendimentos de captura e temperaturas da superfície.

Pela análise do quadro, verifica-se que os melhores rendimentos, foram obtidos nas faixas de temperatura de 23° e 25°C.

Estes rendimentos, considerados em termos globais, estão muito condicionados às temperaturas preferenciais de cada uma das espécies, como posteriormente se verá.

#### 8.9. - A TRANSPARENCIA DA ÁGUA E AS CAPTURAS

##### 8.9.1. - INTERLIGAÇÃO ENTRE A TRANSPARENCIA DA ÁGUA E OS RENDIMENTOS DE CAPTURA

Neste item, considerámos quatro faixas de transparência da água:

- Menos de 5 metros
- Igual ou superior a 5 metros e inferior a 10 metros
- Igual ou superior a 10 metros e inferior a 15 metros
- Igual ou superior a 15 metros

Como não foi possível registrar o tempo de corrido em cada uma das faixas, apresentamos os rendimentos, em função dos dias de pesca em cada uma delas - 41 dias no total.

	Kg/d	Ex/d
< 5m	69.70	12.50
≥ 5m < 10m	33.91	6.45
≥ 10m < 15m	40.91	10.33
≥ 15m	41.92	8.50

Fig. 39 - Interligação entre rendimentos e transparência da água.

Pela análise do quadro, verifica-se que os melhores rendimentos foram conseguidos em águas pouco claras, menos de 5 metros.

O melhor rendimento em águas pouco transparentes, pode não ser significativo, pois os dias em que se pescou naquelas águas, não chegou a 10% dos dias considerados e os rendimentos a partir daquela faixa, foram sempre aumentando, conforme a limpidez da água, também aumentava e esta deverá em princípio ser a conclusão lógica.

#### 8.9.2. - INTERLIGAÇÃO ENTRE RENDIMENTOS DE CAPTURA, TRANSPARENCIA DA ÁGUA E COR DAS AMOSTRAS

Utilizaram-se as mesmas faixas de transparência e os mesmos números de dias de actividade.

	< 5m		≥ 5m < 10m		≥ 10m < 15m		≥ 15m	
	Kg/d	Ex/d	Kg/d	Ex/d	Kg/d	Ex/d	Kg/d	Ex/d
VERMELHO	16.68	3.25	10.20	1.95	8.84	1.76	8.05	1.50
VERDE	10.95	2.50	8.10	1.82	20.04	4.89	9.95	2.33
BRANCO	16.33	2.75	3.55	0.73	4.12	0.89	1.12	0.33
LARANJA	15.00	2.75	5.51	0.82	-	-	2.37	0.50
PRETO	8.63	0.75	4.04	0.59	4.57	1.00	18.62	3.17
AZUL	1.05	0.25	1.33	0.27	-	-	1.52	0.50
AMARELO	-	-	1.02	0.23	2.23	0.89	0.30	0.17
CINZENTO	1.08	0.25	0.15	0.05	-	-	-	-
CASTANHO	-	-	-	-	1.10	0.89	-	-

Fig. 40 - Interligação entre rendimentos de captura, transparência da água e cor das amostras.

Da análise do quadro, poderemos dizer que:

- Em águas com pouca transparência, as cores com melhores rendimentos foram o vermelho, o branco e o laranja, com rendimentos muito semelhantes;
- Em águas com transparência média, o vermelho foi a cor que apresentou melhores rendimentos;
- Em águas com boa transparência, foi o verde a apresentar melhores resultados;
- Em águas com muito boa transparência, foi o preto a cor a apresentar melhores rendimentos, muito acima de qualquer outra.

#### 8.10 - INTERLIGAÇÃO ENTRE RENDIMENTOS E AS FAZES DA LUA

Consideraram-se 43 dias de actividade, num total de 206 horas e 25 minutos.

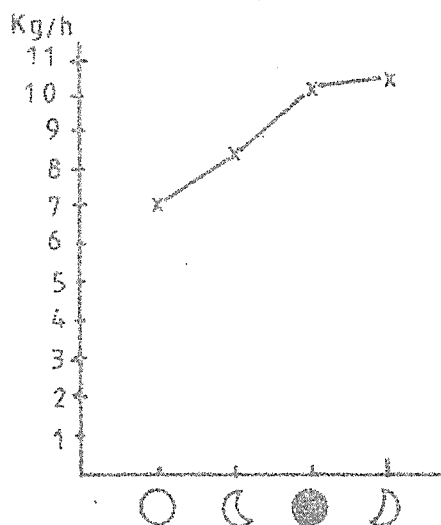


Fig. 41 - Rendimentos em função das fases da lua.

Pelo gráfico em presença, verifica-se que os rendimentos sobem sistematicamente entre a fase da lua cheia para a fase de quarto-crescente.

#### 8.11. - INTERLIGAÇÃO ENTRE RENDIMENTOS E VELOCIDADE DE CORRICO

Não foram tomadas notas, sobre capturas face à velocidade de corrico.

A velocidade média de corrico, variou entre 3 e 6 nós, normalmente à volta de 4 nós.

Consideramos que a velocidade de corrico, tem importância, de acordo com as espécies que se pretendem capturar; em presença de cardumes de tunídeos, por exemplo, aumentava-se regra geral, a velocidade média de corrico.

#### 8.12. - INTERLIGAÇÃO ENTRE RENDIMENTOS E DISTÂNCIA DAS AMOSTRAS

Não foram tomadas notas, sobre capturas face à distância da popa, a que as amostras corricavam.

Em termos gerais, pode dizer-se que os rendimentos das amostras que eram rebocadas a maior distância, foram superiores às que eram rebocadas a curtas distâncias.

De qualquer modo, as amostras rebocadas a curta distância tiveram melhores rendimentos com tunídeos, barracudas, xareus e por vezes pargos verdes; raramente se capturaram serras com as amostras perto da popa da embarcação.

#### 9. - AS ESPÉCIES CAPTURADAS DURANTE AS ACTIVIDADES DE PESCA EXPERIMENTAL DE CORRICO

	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAIS	%	PESO MÉDIO EX
	EX.KG	EX.KG	EX.KG	EX.KG	EX.KG	EX.KG	EX.KG	EX.KG	EX.KG	EX.KG	EX.KG	EX.KG			
AGULHA									1-30				1-30	0.12-0.07	3 . 0
GARDUPAS	1-24				1-31	2-16.7	2-95						6-31.0	0.75-0.71	5 . 3
XAREUS	520.8	766.6	936.9	226.7	418.0	1695	9-33.8	3-30.8	9-84.1	9-94.6	10-98.7	4-39.7	97721.0	12.08-16.14	7 . 4
CARAPAUS	24.7			7-5.3	32.1		1-0.3	2-0.6		6-1.2			21-11.2	2.62-0.25	0 . 5
SALMÃO			3-10.0									1-1.8	4-11.8	0.50-0.26	3 . 0
PALMETA	1840.3	346.1	4-16.1		728.8	8-22.3	7-33.6				5-20.4		52-243.6	6.48-5.41	4 . 7
DOURADO	2-8.1				3-7.6						3-11.8		8-27.5	1.00-0.62	3 . 4
PARGO VERDE	1-24	8-50.4			6-19.0	17-68.1	8-25.3	1-4.4	2-15.1	6-23.9	10-37.6	3-11.4	62-261.6	7.72-5.86	4 . 2
VERMELHOS		2-8.7			1-4.5						1-4.6		4-17.6	0.50-0.39	4 . 4
PARGO LADRÃO				1-1.5			1-5.4						2-6.9	0.25-0.15	3 . 5
BARRACUDA	4-35.7	4-17.3	2-22.6		1-4.5	3-16.8	1-12.7	2-6.9	2-13.9				19-130.6	2.37-2.92	6 . 9
WALTOD				1-14.0									1-14.0	0.12-0.31	14 . 0
JUDEU							1-0.3						1-0.3	0.12-0.01	0 . 3
MERMA	20-65.9	18-52.1	11-44.9	3-9.1	23-53.2	1-31.0	1-36.2	2-6.6	3-14.9	8-20.1	6-24.3		106-330.4	13.20-7.40	3 . 1
GAÍADO		2-6.7	2-5.9										4-12.6	0.50-0.28	3 . 2
SERRAJÃO											1-0.2		1-0.2	0.12-0.00	0 . 2
SERRAS	24-148.1	45-256.4	19-124.6	25-131.8	59-365.8	23-123.8	34-196.7	12-61.0	15-104.0	21-148.5	19-132.0	16-74.2	312-1856.9	38.85-42.57	6 . 0
YELLOWFIN	27-209.0	27-215.2	9-74.0	6-43.4	11-69.7	2-21.1			1-12.0	1-13.0	5-41.3	12-87.6	101-785.3	12.58-17.60	7 . 8
N.J.											1-2.0		1-2.0	0.12-0.04	2 . 0

Fig. 42 - Quadro com capturas mensais por espécies.



9.1. - FAMÍLIA BELONIDAE

9.1.1. - ACULHA - Tylosurus crocodilus crocodilus

Espécie pelágica, costeira, atingindo cerca de 82 cm de comprimento. Capturou-se um exemplar desta espécie com o peso de 3,0 kg.

9.2. - FAMÍLIA SERRANIDAE

Capturaram-se 6 exemplares de garoupa, com um peso total de 31,8 kg.

9.2.1. - GAROUPA REAL - Epinephelus flavocaeruleus

Habita recifes de coral e pedra; os exemplares adultos desta espécie, são normalmente solitários e frequentam essencialmente os bancos profundos, até profundidades da ordem dos 150 metros, enquanto os juvenis frequentam águas de pouca profundidade.

Pode atingir cerca de 90 cm de comprimento.

Foram capturadas durante o programa, 3 exemplares desta espécie, tendo o maior 6,4 kg de peso.

9.2.2. - GAROUPA - Plectropomus punctatus

Habita recifes de coral, entre 5 e 15 metros de profundidade, chegando a atingir cerca de 90 cm de comprimento.

Foram capturados dois exemplares desta espécie, tendo o maior 13,5 kg de peso.

9.2.3. - GAROUPA VERMELHA - Variola louti

Habita recifes de coral, até 100 metros de profundidade, chegando a atingir 80 cm de comprimento.

Capturou-se um exemplar desta espécie, com 3,1 kg de peso.

Em termos gerais e no que respeita a garoupas, durante o programa de pesca experimental de corrico, obtiveram-se os seguintes dados:

- 79,6% do peso total, foi capturado com amostras Rapala.

- 66,6% do número total de exemplares capturados, foi também com amostras Rapala.
- 38,4% do peso total, foi capturado com amostras de cõr preta
- 42,9% do número total de exemplares capturados, foi obtido com amostras de cõr vermelha.
- As garoupas foram capturadas em faixas de temperatura de superfície entre 22° e 25°C.
- O peso médio por exemplar foi da ordem dos 5,3 Kg.

### 9.3. - FAMÍLIA CARANGIDAE

#### 9.3.1. - XAREUS

Foram capturados exemplares das seguintes espécies:

##### a) XAREU AMARELO - Carangoides fulvoguttatus

Peixe costeiro, habita essencialmente recifes de pedra ou coral, podendo ser ocasionalmente encontrado em bancos costeiros até 100 metros de profundidade; não tolera águas turvas, nem de baixa salinidade, não entrando por isso em estuários.

Atinge cerca de 100 cm de comprimento. Foi esporádica a sua captura, durante o programa de pesca experimental.

##### b) XAREU - Carangoides ferdau

Peixe costeiro, ocorre principalmente nas faixas costeiras arenosas; pode ser encontrado em recifes de coral ou pedra, até 60 metros de profundidade; parece não tolerar águas de baixa salinidade.

Atinge cerca de 70 cm de comprimento. Foi esporádica a sua captura.

##### c) XAREU - Carangoides gymnostethus

Habita recifes costeiros; os juvenis tendem a formar cardumes, enquanto os adultos são geralmente solitários.

Atinge cerca de 90 cm de comprimento. Foi esporádica a sua captura.

##### d) XAREU-MACOA - Caranx ignobilis

É o maior e o mais agressivo dos xareus, sendo considerado um dos maiores predadores existentes nos oceanos. Move-se rapidamente de recife para recife, caçando por vezes em águas de muito pouca profundidade.

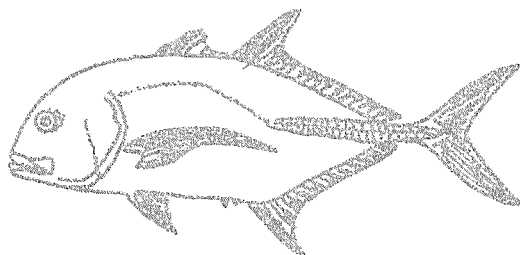


Fig. 43 - Xareu - Caranx ignobilis

Esta espécie é mais activa durante o dia, do que durante a noite, especialmente ao nascer e pôr do sol.

Os exemplares de grande porte tendem a ser solitários.

O seu comprimento chega a atingir 165 cm.

Durante o programa de pesca experimental, foi vulgarmente capturado, constituindo a maior percentagem dos xareus; o peso médio por exemplar, rondou os 9,0 Kgs.

e) XAREU AZUL - Caranx melampygus

O mais bonito dos Xareus, devido às suas cores, vive geralmente em regiões de rocha ou coral, caçando em pequenos grupos junto dos mesmos.

Embora os seus principais períodos de actividade, decorram ao nascer e pôr do sol, caça também durante a noite.

O seu comprimento chega a atingir os 100 cms.

Foi capturado com muita frequência e o seu peso médio rondou os 4,3 kgs.

f) XAREU BRONZEADO - Caranx papuensis

Espécie costeira, frequenta zonas de recifes e costas arenosas; desloca-se solitariamente ou em pares, raramente formando cardumes.

Não tolera águas turvas e de baixa salinidade.

O seu comprimento chega a atingir os 70cm.

Foi esporadicamente capturado, durante o programa.

g) XAREU - Caranx sem

Espécie que prefere águas costeiras limpas, raramente entra em estuários; encontra-se em recifes de rocha pouco profundos, formando pequenos cardumes.

Chega a atingir comprimentos da ordem dos 100cm. Foi esporadicamente capturado durante o programa, atingindo porém bons pesos por exemplar, sempre superiores a 10 Kgs.

No seu conjunto, capturaram-se 97 exemplares de Xareus, com um peso total de 721,0 Kg e um peso médio por exemplar de 7.4 Kg; constituíram cerca de 16% do peso total de peixe capturado, sendo a terceira espécie mais importante.

Realizaram-se capturas em todos os meses do ano, e sendo em Junho, a espécie dominante.

Foi capturado ao longo de toda a costa onde o programa foi realizado, com especial incidência na zona IV - Sul do Cabo de Santa Maria - 76% das capturas totais de Xareu.

Em termos gerais e no que respeita a Xareus, durante o programa de pesca experimental de corrico, obtiveram-se os seguintes dados:

- Capturas por tipo de amostra, em peso:

Rapalas	-	57.2%
GB tipo Octopus	-	30.3%
GB Tipo Feather-Jig	-	12.5%

- Capturas por tipo de amostra, em número de exemplares:

Rapala	-	43.6%
GB tipo Octopus	-	40.0%
GB tipo Feather-Jig	-	16.4%

A Rapala, foi em qualquer dos casos a mais produtiva.

- Captura por cor de amostra, em peso:
 

Vermelho	-	31.9%
Verde	-	30.6%
Laranja	-	16.7%
Outras	-	20.8%
  
- Capturas por cor de amostra, em número de exemplares:
 

Vermelho	-	34.5%
Verde	-	32.8%
Laranja	-	10.3%
Outras	-	22.4%

Em qualquer dos casos, as preferências foram coincidentes.

- Em termos de temperaturas de superfície, em águas onde se capturaram Xareus, os melhores rendimentos conseguiram-se nas faixas de 22°/23°C; de qualquer maneira, as capturas desta espécie, estiveram presentes nas faixas entre 21° e 27°C.

#### 9.3.2. CARAPAU

Capturaram-se exemplares de mais de uma espécie, mas só uma foi identificada:

##### a) CARAPAU - *Decapterus russelli*

Espécie pelágica, costeira, até 100 metros de profundidade.

Atinge um comprimento máximo da ordem dos 35 cm.

De todas as espécies de carapau capturadas, o seu peso total atingiu os 11,2 Kg, com um peso médio por exemplar de 0,53 Kg.

#### 9.3.3. SALMÃO - *Elagatis bipinnulata*

Espécie pelágica, frequenta zonas de recifes, principalmente em mar aberto, nadando junto da superfície. Forma por vezes grandes concentrações. Tem tendência a congregar-se junto de objectos flutuantes. O seu comprimento, pode ultrapassar os 100cm.

Capturaram-se 4 exemplares com um peso total de 11,8Kg, e um peso médio por exemplar de 2,95 Kg.

É um peixe de alto valor comercial e a grande abundância do

mesmo, no Banco Almirante Leite, aconselharia a experimentação da arte de corrico, para captura comercial do mesmo.

#### 9.3.4. PALMETA - Scomberoides commersonnianus

Espécie pelágica, predador por excelência, frequenta zonas de recifes, entrando por vezes nos estuários, embora nem sempre tolere águas sujas ou de baixa salinidade; desloca-se normalmente em pequenos cardumes embora forme por vezes grandes cardumes, como tivemos ocasião de observar, durante o mês de Janeiro, na área da Ilha da Inhaca.

O seu comprimento, pode atingir os 120cm.

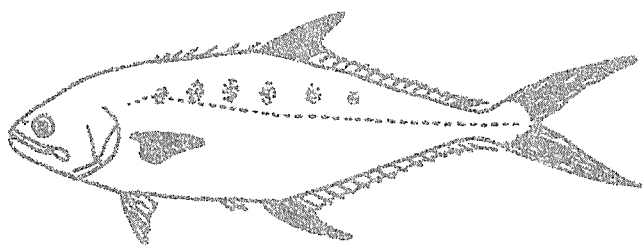


Fig. 44 - Palmeta - S. commersonnianus

Durante o programa, capturaram-se 52 exemplares, com um peso total de 241,6 Kg - 5.4% das capturas totais e um peso médio por exemplar de 4,65kg.

Durante a realização do programa, obtiveram-se os seguintes dados:

- Capturas por tipo de amostra, em peso:
 

Rapala	-	10.7%
GB Tipo Octopus	-	85.8%
GB Tipo Feather Jig	-	3.5%
  
- Capturas por tipo de amostra, em número de exemplares:
 

Rapala	-	15.0%
GB Tipo Octopus	-	80.0%
GB Tipo Feather-Jig	-	5.0%

Em qualquer dos casos, foi sempre a amostra Golden Bait, tipo Octopus, a que apresentou melhores rendimentos.

- Capturas por cor da amostra, em peso:
 

Vermelho	-	72.8%
Outras	-	27.2%
- Captura por cor da amostra, por número de exemplares:
 

Vermelho	-	66.7%
Outras	-	33.3%

Embora se tenham capturado exemplares de palmeta, na faixa de 22°C de temperatura de superfície, os melhores rendimentos foram obtidos na faixa dos 27°C.

#### 9.4. FAMÍLIA CORYPHAENIDAE

##### 9.4.1. DOURADO - Coryphaena hippurus

Espécie pelágica, muito veloz, frequenta os grandes espaços oceânicos, aproximando-se por vezes da zona costeira.

Tem tendência para se concentrar sob objectos flutuantes.

O seu comprimento pode atingir os 200 cm.

Durante o programa, capturaram-se 8 exemplares, com um peso total de 27,5Kg e um peso médio por exemplar de 3,44 Kg.

#### 9.5. FAMÍLIA LUTJANIDAE

##### 9.5.1. PARCO VERDE - Aprion virescens

É um poderoso predador, que se encontra em águas costeiras, até 100 metros de profundidade. Frequenta zonas de recifes, entre a superfície e o fundo e embora se encontre por vezes solitariamente, forma também cardumes de diversos indivíduos (durante a realização do programa, foi frequente a captura simultânea de 2,3 e 4 exemplares).

Pode atingir comprimentos de 110cm.

Durante o programa, capturaram-se 62 exemplares, com um peso total de 261.6 Kg - 5.9% do peso total capturado e um peso médio por exemplar de 4.2 Kg.

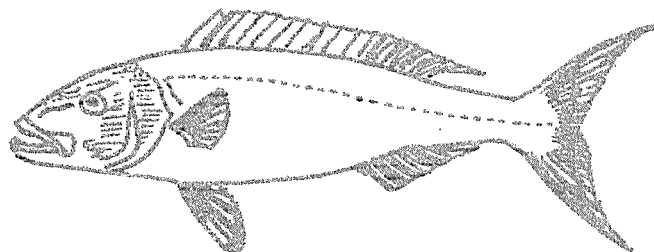


Fig. 45 - Pargo Verde - A.virescens

Durante a realização do programa, obtiveram-se os seguintes dados:

- Capturas por tipo de amostra, em peso:
 

Rapala	-	61.2%
GB Tipo Octopus	-	23.1%
GB Tipo Feather-Jig	-	15.7%
- Capturas por tipo de amostra, em número de exemplares:
 

Rapala	-	52.5%
GB tipo Octopus	-	35.0%
GB tipo Feather Jig	-	12.5%

Em qualquer dos casos, foi a Rapala a mais produtiva.

- Captura por cor de amostra, em peso:
 

Vermelho	-	21.6%
Verde	-	29.4%
Branco	-	18.1%
Laranja	-	17.3%
Outros	-	13.6%
- Captura por cor de amostra, em número de exemplares:
 

Vermelho	-	23.9%
Verde	-	32.6%
Branco	-	17.4%
Laranja	-	13.0%
Outros	-	13.1%



Em qualquer dos casos , foi o verde a cor mais produtiva.

- Em termos de temperatura de superfície, foi na faixa de 22°/23° C. que se conseguiram melhores resultados, embora se tenham também registado capturas na faixa 25°/26° C.

#### 9.5.2. - VERMELHÕES

Foram capturados exemplares das seguintes espécies:

##### a) RED-SNAPPER - Lutjanus bohar

Habita zonas de recifes, até profundidades da ordem dos 70 metros; embora tenha tendência a viver solitariamente, forma por vezes grandes cardumes.

Pode atingir os 75 cms de comprimento total.

Durante o programa, foram capturados dois exemplares, com um peso total de 6.7 kg.

##### b) VERMELHÃO - Lutjanus malabaricus

Peixe costeiro, habita zonas de recifes, até profundidades de 100 metros.

Pode atingir os 90 cm de comprimento total.

Durante o programa, foi capturado um exemplar com 6,5 kg de peso.

##### c) VERMELHÃO - Lutjanus sanguineus

Habita zonas de recifes, entre 30 e 150 metros de profundidade, entrando por vezes em águas turvas de baixa salinidade.

Pode atingir os 90 cm de comprimento total.

Durante o programa, foi capturado um exemplar com 4,4 kg de peso.

#### 9.6 - FAMÍLIA LETHRINIDAE

##### 9.6.1. - PARCO LADRÃO - Lethrinus nebulosus

Habita zonas de recifes de coral e águas costeiras até 50 metros de profundidade; encontra-se também em zonas de mangal.

Pode atingir 87 cm de comprimento total.

Durante o programa, foram capturados dois exemplares, com um peso total de 6,9 Kg.

#### 9.7. - FAMILIA SPHYRAENIDAE

##### 9.7.1. - BARRACUDA - Sphyraena barracuda

Sendo essencialmente um peixe de superfície, pode no entanto ser encontrado até 100 metros de profundidade; solitário por natureza, forma por vezes pequenos cardumes, no alto mar ou à volta de recifes.

Atinge 130 cm de comprimento total.

Durante o programa, capturaram-se 19 exemplares, com um peso total de 130,4 kg e um peso médio por exemplar de 6,9 kg.

Em termos de captura, obtiveram-se os seguintes dados:

- Captura por tipo de amostra, em peso:

Rapala ..... 65,0%

GB tipo Octopus .....22,5%

GB tipo Feather-Jig .....12,5%

- Captura por tipo de amostra, em número de exemplares:

Rapala .....57,1%

GB, tipo Octopus .....28,6%

GB, tipo Feather-Jig .....14,3%

Em qualquer dos casos, foi a Rapala, a amostra que apresentou melhores resultados.

- Captura por cor de amostra, em peso:

Verde ..... 29.2%

Preto ..... 59.8%

Outras ..... 11.0%

- Captura por cor de amostra, em número de exemplares:

Verde ..... 28.6%

Preto ..... 42.9%

Outras ..... 28.5%

Em qualquer dos casos, foi a cor preta, a que melhores rendimentos apresentou.

Em termos de temperatura de superfície, foi na faixa dos 23°C, que se obtiveram os melhores rendimentos, embora se tivessem também efectuado capturas, nas faixas de 22°C e 25°C.

#### 9.8. - FAMÍLIA SCOMBRIDAE

Foi dentro desta família, onde se conseguiram obter os melhores resultados do programa de pesca experimental de corrico.

##### 9.8.1. - WAHOO - Acanthocybium solandri

Pelágico, extremamente veloz, podendo atingir velocidades da ordem dos 75 km/h, frequenta recifes de coral e rocha perto da costa, podendo ser por vezes encontrado em águas afastadas da mesma.

Solitário por natureza, pode por vezes formar pequenos cardumes.

Pode atingir 211 cm de comprimento total.

Durante a realização do programa, foi capturado um exemplar com 14,0 kg de peso.

##### 9.8.2. - JUDEU - Auxis thazard

Pelágico, migrador por natureza, forma junto à costa e na superfície, grandes cardumes, muitas vezes misturado com outros tunídeos

Pode atingir 58 cm de comprimento total.

Durante a realização do programa, foi capturado um exemplar com 0,3kg.

##### 9.8.3. - MERMA - Euthynnus affinis

Pelágico, frequenta águas costeiras e forma junta à superfície, grandes cardumes, muitas vezes misturado com outros tunídeos.

Pode atingir 100 cm de comprimento total.

Ao longo de todo o programa, avistaram-se em todas as épocas, grandes concentrações desta espécie, quer na periferia da Baía de Maputo, quer em águas mais afastadas; o comportamento dos cardumes, face às amostras, foi totalmente distinto; enquanto os cardumes avistados à superfície, deslocando-se em grande velocidade na caça de pequenos pelágicos, respondiam muito mal às amostras, proporcionando

capturas muito esporádicas, os cardumes submersos, respondiam bem ao corrico, proporcionando por vezes boas capturas.

Nos cardumes de superfície, utilizaram-se diferentes tipos de amostra e cores e vários métodos de corrico; os únicos resultados positivos, conseguiram-se com velocidade acima do normal e com as amostras muito perto da pôpa, junta à borbulhagem dos motores.

Ao longo do programa, capturaram-se 106 exemplares, com um peso total de 330,4 kg e um peso médio por exemplar de 3.1 kg.

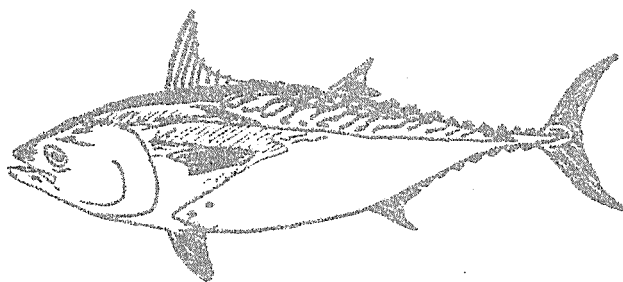


Fig. 46 - Merma - E. affinis

Em termos de captura, obtiveram-se os seguintes dados:

- Captura por tipo de amostra, em peso:

Rapala ..... 46.4%

GB, tipo Octopus ..... 26.8%

GB, tipo Feather-Jig . 26.8%

- Captura por tipo de amostra, em número de exemplares:

Rapala ..... 38.3%

GB, tipo Octopus ..... 38.3%

GB, tipo Feather-Jig . 23.4%

Embora a Rapala tenha sido a amostra mais produtiva em termos de peso, foi iguada pela Octopus em termos de número de exemplares capturados; isto deve-se às capturas efectuados em cardumes à superfície com exemplares de menor peso e em que a amostra tipo Octopus foi mais produtiva.

- Captura por tipo de cor da amostra, em peso:

Vermelho ..... 15.7%

Verde ..... 37.0%

Branco ..... 11.9%

Preto .....	13.2%
Outras .....	22.2%
Captura por cõr da amostra, em número de exemplares:	
Vermelho .....	13.7%
Verde .....	37.3%
Branco .....	13.7%
Preto .....	11.8%
Outras .....	23.5%

Em qualquer dos casos, foi sempre o verde, a cõr mais produtiva. E de notar que a captura de merma com cõr castanha, foi um dos dois casos, em que se conseguiram resultados com a utilização da mesma.

Em termos de temperatura de superfície, foi na faixa dos 25°C, que se conseguiram melhores rendimentos - 43.4% em peso, embora na faixa dos 22°C, se tivessem obtido rendimentos assinaláveis - 32.4% em peso.

Obtiveram-se capturas em todas as faixas, entre os 22°C e os 27°C.

Independentemente dos resultado obtidos pela pesca de corrico e sua posterior aplicação comercial na exploração do recurso da merma, consideramos que seria da maior utilidade e tendo em atenção a grande abundância do mesmo ao longo de todo o ano, levar a cabo um estudo das melhores artes a aplicar na sua exploração, nomeadamente as redes de emalhar e de cerco.

#### 9.8.4. GAIADO - Katsuwonus pelamis

Pelágico, formando geralmente grandes concentrações, muitas vezes em conjunto com outros tunídeos, especialmente yellowfin.

Não se aproxima muito da costa, tendo muita dificuldade em suportar águas de baixa salinidade.

Fode atingir 100 cm de comprimento máximo.

Durante o programa, foram capturados 4 exemplares, com um peso total de 12,6 kg e um peso médio por exemplar de 3.2 kg.

Dada a grande abundância deste recurso, durante determinada época do ano, na zona de alto mar, nomeadamente no Banco Almirante

Leite, aconselharia a experimentação da arte de corrico, para a captura comercial do mesmo.

9.8.5. SERRAJÃO - *Sarda orientalis*

Pelágico, frequenta essencialmente águas costeiras, onde forma cardumes de pequeno tamanho.

Pode atingir 102 cm de comprimento máximo.

Durante o programa, foi capturado um exemplar juvenil, com o peso de 0,2 Kg.

9.8.6. SERRAS

Capturaram-se duas espécies de serra:

a) SERRA - *Scomberomorus commerson*

Indiscutivelmente, foi a espécie predominante nas capturas efectuadas ao longo do programa de pesca experimental de corrico - 41,6% em peso e 38,9% em número de exemplares capturados.

Por si só, explica a intensificação da pesca de corrico, na zona sul da costa de Moçambique.

Peixe pelágico, é um feroz predador, atingindo altas velocidades, quando em persiguição da presa. Embora caça por vezes sózinho, pode também formar pequenos cardumes.

Frequenta essencialmente a zona costeira, entre os 15 e 200 metros de profundidade, aproximando-se por vezes da zona da rebentação, quer em praias, quer em zonas rochosas.

Alimenta-se principalmente de pequenos peixes pelágicos, de camarão e de lulas.

A sua maturidade sexual, ocorre a partir dos três/quatro anos, quando atinge comprimentos de 90 a 100 cm.

Dependendo da temperatura, a estação de desova prolonga-se por maior ou menor período de tempo; na região leste da costa de Africa, a estação de desova decorre entre Outubro a Julho e em Madagascar entre Dezembro e Fevereiro.

Embora realise migrações bastante assentuadas, parece existirem populações que se fixam permanentemente em determinadas zonas.

O seu comprimento máximo pode atingir os 220 cm

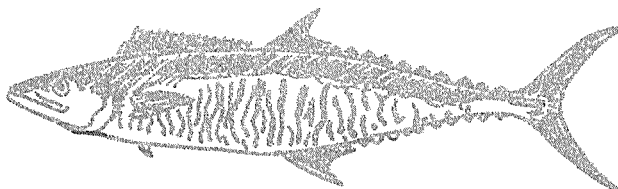


Fig. 47 - SERRA - S. commerson

Durante o programa, foram capturados 311 exemplares com um peso total de 1848,6 Kg e um peso médio por exemplar de 5,9 Kg.

Em termos de captura, obtiveram-se os seguintes dados:

- Captura por tipo de amostra, em peso:

Rapala	-	35.5%
G.B. tipo Octopus	-	26.1%
G.B. tipo Feather-Jig	-	38.4%

- Captura por tipo de amostra, em número de exemplares:

Rapala	-	34.8%
G.B. tipo Octopus	-	28.0%
G.B. tipo Feather Jig	-	37.2%

Em qualquer dos casos, foi a amostra G.B. tipo Feather-Jig a que melhores rendimentos apresentou, o que não deixa de ser significativo, tomando em consideração os resultados com as outras espécies capturadas ao longo do programa, onde a Rapala foi a amostra que apareceu quase sempre em primeira posição.

- Captura por cor de amostra, em peso:

Vermelho	-	24.8%
Verde	-	23.4%
Branco	-	11.9%
Laranja	-	13.6%
Preto	-	17.9%
Outras	-	8.4%

- Captura por cõr de amostra, em número de exemplares:

Vermelho	--	26.2%
Verde	--	26.2%
Branco	--	13.4%
Laranja	--	13.4%
Preto	--	11.4%
Outras	--	9.4%

Em qualquer dos casos, foi o vermelho a cõr que melhores rendimentos apresentou, embora o verde tivesse apresentado iguais resultados no que respeita a número de exemplares capturados.

- Em termos de temperatura de superfície, foi na faixa dos 25°C, onde se conseguiram melhores rendimentos.

21° a 21°.9°C	--	2.2%
22° a 22°.9 C	--	22.4%
23° a 23°.9 C	--	25.8%
24° a 24°.9 C	--	4.2%
25° a 25°.9 C	--	27.8%
26° a 26°.9 C	--	12.3%
27° a 27°.6 C	--	5.3%

- Realizaram-se capturas em todos os meses do ano.

Ao longo do programa, foram medidos comprimentos à furca de 105 exemplares de Serra - S. commerson

O gráfico da fig. 48, dá-nos uma ideia da curva de crescimento e o da fig. 49 o histograma dos pesos.



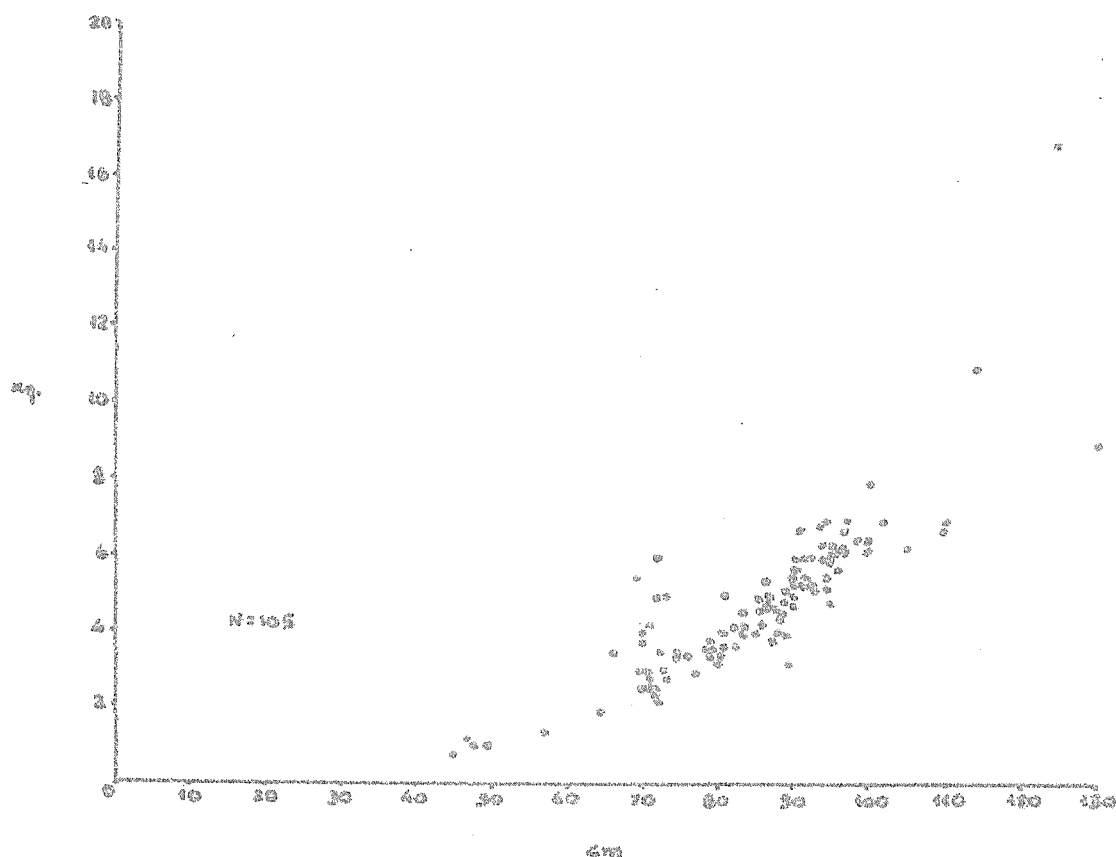


Fig. 48 - Curva de crescimento

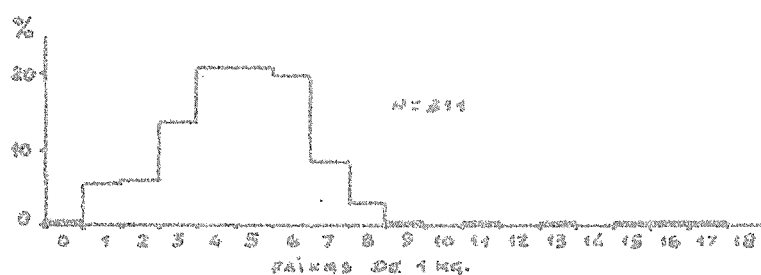


Fig. 49 - Histograma dos pesos

Tomando em consideração, o particular significado que o recurso da serra - S. commerson teve e continuará a ter nas capturas da pesca artesanal em Moçambique, consideramos que deveria ser levado a cabo, um estudo do mesmo e sua respectiva avaliação.

b) SERRA PINTADO - Scomberomorus plurilineatus

Pelágico, com as mesmas características do S. commerson

Pode atingir 120 cm de comprimento máximo.

Durante o programa, foi capturado um exemplar com 8,3 Kg e 97 cm de comprimento à furca.

8.9.7. YELLOWFIN - Thunnus albacares

A segunda espécie predominante, nas capturas realizadas no programa de pesca experimental de corrico - 17.6% em termos de peso, 12,6% em termos de número de exemplares capturados.

Peixe oceânico, é normalmente encontrado perto da superfície, embora com muita frequência desça a consideráveis profundidades.

A forma hidrodinâmica do seu corpo, em conjunto com a sua força, torna-o não só um rápido "Sprinter" quando em perseguição da presa, como um poderoso e rápido nadador de longas distâncias.

Leva a cabo grandes migrações, as quais estão muitas vezes associadas a correntes quentes.

Alimenta-se de uma grande variedade de organismos marinhos, desde os pequenos pelágicos, a camarões, caranguejos, lulas e larvas.

As fronteiras térmicas do seu habitat, situam-se entre os 18°C e os 31°C.

Forma grandes concentrações à superfície, muitas vezes em conjunto com outras espécies de tunídeos; é frequente associar-se a cardumes de golfinhos.

O seu comprimento máximo, pode atingir mais de 200 cm.

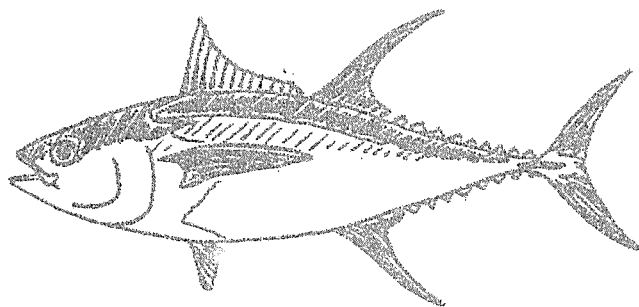


Fig. 50 - Yellowfin - T. albacares

Durante o programa, foram capturados 101 exemplares, com o peso total de 786,3 kg e um peso médio por exemplar de 7,8 kg.

Em termos de captura, registaram-se os seguintes dados:

- Captura por tipo de amostra, em peso:

Rapala .....	84.4%
GB, tipo Octopus .....	5.5%
GB, tipo Feather-Jig.....	10.1%

- Captura por tipo de amostra, em número de exemplares:

Rapala .....	83.9%
GB, tipo Octopus .....	6.5%
GB, tipo Feather-Jig.....	9.6%

Em qualquer dos casos, foi a Rapala a amostra que apresentou melhores resultados.

- Captura por cor de amostra, em peso:

Vermelho .....	21.7%
Verde .....	7.5%
Branco .....	17.1%
Laranja .....	22.9%
Preto .....	23.7%
Azul .....	7.1%

- Captura por cor de amostra, em número de exemplares:

Vermelho .....	21.6%
Verde .....	5.4%
Branco .....	16.2%
Laranja .....	24.3%
Preto .....	24.3%
Azul .....	8.2%

O preto apresentou os melhores resultados, embora em número de exemplares capturados, a cor laranja tenha apresentado a mesma percentagem daquela cor.

Em termos de temperature de superfície, capturaram-se yellowfins entre 23°C e 27°C, sendo a faixa dos 25°C a mais produtiva.

23°.0 a 23°.9C.....	10.9%
24°.0 a 24°.9C.....	21.1%
25°.0 a 25°.9C.....	29.7%
26°.0 a 26°.9C.....	17.9%
27°.0 a 27°.6C.....	20.4%

Com excepção dos meses de Julho e Agosto, em todos os outros se registaram capturas; o mês de melhores capturas foi o de Fevereiro. Em Janeiro e Dezembro, a espécie yellowfin, foi dominante em peso total de peixe capturado.

#### 9.9.- ESPÉCIE NÃO IDENTIFICADA

Capturou-se um exemplar não identificado, com o peso de 2,0kg.

Presume-se que o referido exemplar pertencesse à família Labridae, talvez um Bodianus spp. ou um Chailinus spp.

### 10. - ANÁLISE DOS RESULTADOS

#### 10.1.-AREAS DE PESCA

a) Sub área I - A zona entre a Barra Falsa e a Ponta Závora, é certamente uma área com belíssimas características para a prática de pesca de corrico e se os resultados conseguidos durante a realização do programa não foram os melhores, isso deve-se certamente, ao curto espaço de tempo em que ali se actuou e às más condições para a pesca de corrico encontradas na altura.

Área com abrigos naturais, pode ser recomendada para a utilização de pequenas embarcações artesanais, motorizadas, na prática de pesca de corrico, em conjunto ou não com outras artes, nomeadamente, a pesca de anzol.

b) Sub-área II - A zona entre a Ponta Závora e o Farol Lacerda, é uma excelente área para a prática de corrico, como indicam os resultados conseguidos ao longo do programa.

Não a recomendaremos para nela se praticar esta modalidade de pesca, por falta de abrigos naturais, onde as embarcações se possam abrigar em caso de mau tempo.

c) Sub-área III - A zona entre o Farol Lacerda e o Cabo de Santa Maria, embora seja uma área com abrigos naturais a partir dos quais se pode pensar na prática de pesca de corrico, é de todas as abrangidas pelo programa, a que piores resultados apresentou.

Os fracos rendimentos, podem em princípios ser explicados, pela intensa actividade de pesca corrico nela praticada, pelas embarcações de pesca desportiva da cidade de Maputo - mais de 40, que durante os fins de semana e por vezes durante a semana, nela actuam.

Não a recomendaríamos, para na mesmo se praticar a pesca de corrico, através de embarcações artesanais.

d) Sub-área IV - A zona entre o Cabo de Santa Maria e a Ponta do Ouro, foi indiscutivelmente, aquela que melhores resultados apresentou durante a realização do programa.

Embora sem abrigos naturais próprios, os mesmos não se encontram muito afastados, razão pela qual, a recomendaríamos desde já, para nela se iniciar uma actividade de pesca de corrico, em interligação com a pesca de anzol e a ser feita a partir do Combinado Pesqueiro da Inhaca.

#### 10.2 - AS ÉPOCAS DE PESCA

Pela análise do gráfico de Fig.51, podemos verificar que os rendimentos nunca desceram em qualquer das épocas, abaixo dos 30 kg/d, pelo que se pode aconselhar a prática do corrico ao longo de todo o ano.

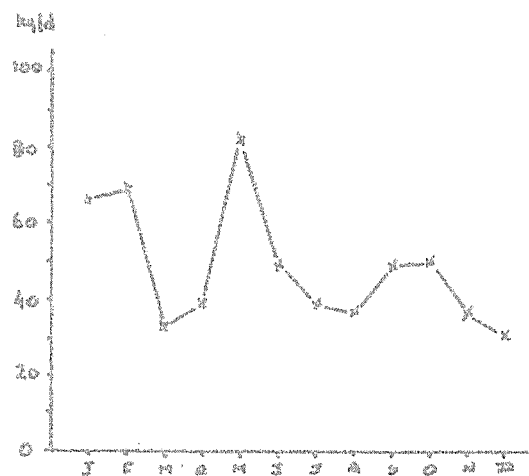


Fig. 51 - Gráfico dos rendimentos médios mensais (Kg/dia de pesca).

### 10.3. - OS TIPOS DE AMOSTRA

Foi a Rapala, a amostra que melhores rendimentos apresentou. Não nos podemos porém esquecer, que sendo o serra, S.commerson a espécie mais significativa entre todas aquelas que foram capturadas, a mesma preferiu a amostra GB-tipo Feather-Jig.

Por essa razão e por outras que atrás descrevemos, julgamos que as amostras GB-tipo Octopus e tipo Feather-Jig não podem ser desprezadas.

Para além deste tipo de amostras, existem certamente outros tipos, que poderiam e deveriam ser experimentadas.

### 10.4. - AS CÔRES UTILIZADAS

Utilizaram-se diversas côres diferentes, independentes ou interligadas entre si.

Em termos gerais, pertenceu à côr preta, os melhores rendimentos.

Como também já vimos, cada espécie teve côres preferenciais, pelo que nenhuma delas dever ser desprezada.

Ao iniciar-se um dia de pesca, devem diversificar-se as côres a utilizar escolhendo depois aquela ou aquelas que melhores resultados vão apresentando.

### 10.5. - OS PERÍODOS DE ACTIVIDADE DIÁRIA

Os melhores rendimentos, foram conseguidos entre as 06 e as 09 horas e entre as 16 e as 18 horas.

Por esta razão, as embarcações deverão estar nos pesqueiros, nas horas imediatamente a seguir ao nascer do sol e nas horas que antecedem o pôr do mesmo.

### 10.6. - AS SONDAS

Os melhores rendimentos foram conseguidos em áreas com sondas entre os 10 e 20 metros.

Não quer isto porém dizer, que não se pratique o corrico fora desta faixa batimétrica; nas zonas para dentro dos 10 metros, quando as condições de transparência da água assim o indicarem e nas zonas para fora dos 20 metros, quando à vista, forem detectados cardumes à superfície ou bandos de pássaros em actividade.

#### 10.7. - A NEBULOSIDADE

Aspectos controverso, e do qual não se podem tirar grandes conclusões, quando se toma em atenção os resultados obtidos no programa.

#### 10.8. - VENTOS

Quando se sai para a pesca, não se escolha o vento em que se deseja praticar a pesca.

De qualquer maneira, é de tomar em atenção os resultados conseguidos e que indicam serem os ventos N e SE a S e Calma, aqueles que melhores rendimentos podem proporcionar.

#### 10.9. - TEMPERATURA DE SUPERFÍCIE

As temperaturas de superfície dependem da época do ano. Há que actuar de acordo com o que se passa em cada momento, tomando em atenção, que cada espécie, tem os suas faixas de temperatura preferencial.

#### 10.10. - TRANSPARENCIA DAS ÁGUAS

Em princípio devem escolher-se águas de maior transparência para se praticar a pesca de corrico, não esquecendo porém, que foi nas águas mais escuras, que melhores rendimentos se conseguiram.

A cada tipo de água, há que adaptar a cor de amostra própria.

#### 10.11. - FASES DA LUA

Para a prática de corrico, parece existirem vantagens nas fases que decorrem entre a lua-cheia e o quarto-crescente.

#### 11. - A EMBARCAÇÃO IDEAL

Tendo em visto a introdução da pesca de corrico no sector artesanal, consideramos como ideal, a seguinte embarcação:

- Comprimento - 6 a 8 metros
- Potência do motor - 30 a 50 HP, diesel, interior
- Tripulação - 2 a 3 tripulantes
- Equipamento - sonda acústica, para além do outro equipamento obrigatório.

- Alojamento - a embarcação deverá ser cabinada, a fim de permitir à tripulação ficar no mar durante a noite.
- Autonomia - deverá ter uma autonomia 2 a 4 dias.
- Conservação do pescado - A embarcação deverá possuir um porão isolado, a fim de permitir a conservação do pescado em gelo.

#### 12. - EQUIPAMENTO DE PESCA

Para o caso de uma pequena embarcação artesanal, com dois a três tripulantes, e tendo em vista a captura das espécies existentes não consideramos de grande vantagem, a utilização de muitas linhas de corrico.

A utilização de cinco linhas, corricando a distâncias diferentes, seria no nosso entender a solução que à partida, satisfaria as necessidades.

Embora mais caro, duas das linhas, deveriam partir de varas munidas de carreto. Esta solução, permitiria a utilização de amostras Rapala, indiscutivelmente mais produtivas.

#### 13. - TIPO DE ACTIVIDADE

As embarcações deveriam ter como base operacional, o porto de Inhambane e o Combinado Pesqueiro da Inhaca.

Na área de Inhambane, deveriam actuar na área compreendida entre o norte de Barra Falsa e o Cabo das Correntes, permanecendo no mar, entre 3 a 4 dias.

Na área da Inhaca, deveriam actuar entre o Cabo da Inhaca e a Ponta do Ouro, permanecendo também no mar, entre 3 e 4 dias.

Em qualquer dos casos, as embarcações deveriam estar preparadas para praticarem a pesca de peixe de fundo com linha de mão, nos períodos mortos de pesca de corrico e durante a noite.



#### 14. - CONCLUSÕES

Embora e várias tenham sido as conclusões que se foram tirando ao longo deste trabalho, importa salientar as mais importantes:

- Existem condições e recursos de grandes pelágicos, na orla sul da costa de Moçambique, que explicam a exploração comercial através de utilização da arte de corrico sendo a mesma realizada por embarcações artesanais.

- A ocorrência das diferentes espécies existentes, permite dizer, que a pesca de corrico, poderá ser praticada ao longo de todo o ano.

- As condições meteorológicas não são, pelo menos durante parte do ano, favoráveis à prática da pesca de corrico com embarcações artesanais, pelo que as mesmas não deverão afastar-se muito das zonas de abrigo.

- Os pescadores moçambicanos, participantes no programa de pesca experimental de corrico, adaptaram-se perfeitamente e muito rapidamente à prática desta modalidade de pesca.

- Ao longo da orla costeira sul de Moçambique, parece ser a serra - S. commerson , a espécie dominante.

#### 15. - RECOMENDAÇÕES

Várias foram as recomendações que fomos fazendo ao longo do trabalho.

Importa porém especificar, aquelas que em termos globais, mais importantes nos parecem:

- Considerando os resultados alcançados, julgamos poder recomendar a introdução da arte de corrico, no sector artesanal, que actua na costa sul da costa de Moçambique.

- A arte de corrico deverá ser praticada por embarcações do tipo especificado no capítulo 11 deste trabalho.

- O tipo de actividade deverá estar de acordo com o especificado no capítulo 13 deste trabalho.

- Tendo em consideração a importância do recurso de serra - S. commerson , na orla costeira sul de Moçambique, julgamos importante o estudo e avaliação do mesmo.

- As embarcações da pesca semi-industrial que se dedicam à captura de peixe de fundo com artes de anzol, deverão ter a bordo, artes de corrico, o qual deve ser praticado durante as deslocações no período diurno, ou quando as condições assim a aconselharem.

- Tomando em consideração a informação obtida durante o programa de pesca experimental de atum com vara e isca viva, realizado entre 1983 e 1985, deverão, se possível, levar-se a cabo experiências de pesca de corrico no alto-mar, especialmente na área do Banco Almirante Leite, tendo em vista a captura de Salmão - E. bipinnulata , gaiado - K. Pelamis e Yellowfin - T. albacares

BIBLIOGRAFIA

1. Anónimo - Africa Pilot - Vol. III - Hydrographer of the  
1980 Navy.
2. Anónimo - The Nautical Almanac 1987; London:- Her Majesty's  
1986 Stationery Office.
3. Bianchi, G., - FAO Species identification sheets for  
1985 fisheries purposes. Field guide to the  
commercial marine and brackish-water  
species of Tanzania. Prepared and  
published with the support of TCP/URT/4406  
and FAO (FIRM) Regular Programme. Rome FAO, 199p.
4. Collette, B.B. - FAO species catalogue, vol.2, Scombrids of the  
and C.E. Nauen world. An annotated and illustrated catalogue of  
1983 tunas, mackerels, bonitos and related species  
known to date. FAO Fish.Synop., (125) Vol.2: 137p
5. Elst, Rudy van - A guide to the common sea fishes of Southern  
der Africa.
6. Saetre, R. and - The Marine Fish Resources of Mozambique.  
Silva, Rui P.  
1979



